



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP ESCOLA DE CIÊNCIAS,**  
**EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES**  
**Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes**  
**Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes**

**LETÍCIA DE CARVALHO GUIMARÃES**

**COLETIVO ADEMAFIA ENTRE O MORRO E O ASFALTO:**  
**DE SKATE PELA CIDADE COM INTERVENÇÃO SOCIAL E ARTE**

**Duque de Caxias**  
**2021**



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP ESCOLA DE CIÊNCIAS,**  
**EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES**  
**Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes**  
**Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes**

**LETÍCIA DE CARVALHO GUIMARÃES**

**COLETIVO ADEMAFIA ENTRE O MORRO E O ASFALTO:  
DE SKATE PELA CIDADE COM INTERVENÇÃO SOCIAL E ARTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientadora: Anna Paula Lemos  
Coorientador: Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

**Duque de Caxias**  
**2021**

**LETÍCIA DE CARVALHO GUIMARÃES**

**COLETIVO ADEMÁFIA ENTRE O MORRO E O ASFALTO:  
DE SKATE PELA CIDADE COM INTERVENÇÃO SOCIAL E ARTE**

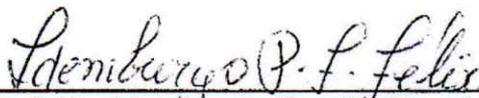
Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 26/08/2021

**BANCA EXAMINADORA**



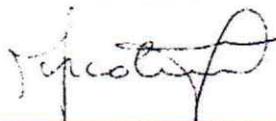
Prof. Dr.<sup>a</sup> Anna Paula Soares Lemos  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da  
UNIGRANRIO



Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Félix  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da  
UNIGRANRIO



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia Condeixa de Araújo  
UNIFESSPA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marildo José Nercolini  
UFF

Dedico este trabalho a minha mãe Luizete e ao meu pai Amilcar (*in memoriam*) por ser agraciada pela existência de vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Anna Paula Soares Lemos, por toda empatia, entusiasmo, sabedoria e motivação após todo atravessamento que a pandemia me trouxe. Quero agradecer ao meu coorientador Joaquim Humberto Coelho de Oliveira pela mente brilhante, por suas ideias e carinho. Agradeço a Unigranrio pelo incentivo e pela estrutura apresentada.

Agradeço a minha mãe Lully, por segurar minha mão em todos os momentos difíceis que atravessei durante o processo de escrita. Por todo sacrifício me ajudando a pagar o curso até eu ser contemplada pela Taxa PROSUP.

Agradeço ao meu poder de resiliência e coragem para trilhar um caminho em que acredito e ter o grande prazer de poder compartilhar com pessoas incríveis essa minha jornada.

Agradeço ao Coletivo Ademafia, por permitir que eu escreva suas histórias e as pesquise pensando no futuro e em novas perspectivas para o esporte e a comunidade. Agradeço ao Gabriel Bila por todo suporte, por termos rompido a parceria e retomado aos 45 minutos do segundo tempo com muito amor e companheirismo, isso me ajudou a terminar meu trabalho feliz.

Agradeço e dedico essa dissertação a Dona Francisca, Bisavó, Avó, Matriarca da família Ademafia, que devido a complicações do COVID-19 veio a falecer no dia da entrega e fechamento desse trabalho. Dedico e agradeço também a todas as vítimas e famílias dessa terrível pandemia que assola nosso povo. Como dizia Dona Francisca: “Paz, saúde e tranquilidade!”

## RESUMO

Tem-se o propósito, nesta dissertação, de relatar e analisar os movimentos do skate pelos caminhos e pistas encontrados nos projetos e iniciativas do coletivo Ademafia, que fazem desse esporte um meio de intervenção social. Dialogando com a arte e a cultura urbana, o Skate transita, do morro ao asfalto, fomentando a participação da comunidade, promovendo educação, esporte e cultura aos indivíduos do Rio de Janeiro. Destaca-se a diversidade no esporte como meio de inclusão identitária e social. Como hipótese, a dissertação apresenta as seguintes questões relacionadas: 1. O direito à cidade pelos movimentos marginais do skate; 2. A resignificação da violência; 3. História de vida de Ademar Lucas; e 4. A intervenção social. Tais questões são caras ao idealizador do coletivo, Ademar Lucas. Para encaminhar a discussão e definir os territórios de análise, foram fundamentais até agora as leituras de Henri Lefebvre, Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Milton Santos, Antonio Candido, Rogério Haesbaert e Yi-Fu Tuan. O ponto de partida documental foi a videografia e historiografia de Ademar Lucas, as redes sociais do coletivo e de seu fundador e o documentário *Santo Amaro era skatista*, com direção de Felipe Martins. Ele conta a história do fundador Ademar Lucas e estabelece a nossa linha de observação que, metodologicamente, vai se desdobrando em uma discussão sobre o movimento skatista, seus caminhos e suas manobras de direito à cidade e intervenção social.

**Palavras-chave:** Coletivo Ademafia, Skate, Cultura urbana, Intervenção Social, Direito à cidade

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to report and analyze the movements of skateboarding through the paths and tracks found in the projects and initiatives of the Ademafia collective, which make this sport a means of social intervention. In dialogue with art and urban culture, Skateboarding transits, from the slums to the asphalt, fomenting community participation, promoting education, sports, and culture to the individuals of Rio de Janeiro. Diversity in sports is highlighted as a means of identity and social inclusion. As a hypothesis, the dissertation presents the following related issues: 1. the right to the city by the marginal movements of skateboarding; 2. the re-signification of violence; 3. the life story of Ademar Lucas; and 4. Social intervention. These issues are dear to the idealizer of the collective, Ademar Lucas. To guide the discussion and define the territories of analysis, the readings of Henri Lefebvre, Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Milton Santos, Antonio Candido, Rogério Haesbaert, and Yi-Fu Tuan have so far been fundamental. The documental starting point was the videography and historiography of Ademar Lucas, the social networks of the collective and its founder, and the documentary Santo Amaro Era Skatista, directed by Felipe Martins. It tells the story of the founder Ademar Lucas and establishes our line of observation that, methodologically, will unfold into a discussion about the skateboarding movement, its paths and its maneuvers of right to the city and social intervention.

Keywords: Ademafia Collective, Skateboarding, Urban culture, Social intervention, Right to the city

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pista de skate em Nova Iguaçu na atualidade, inaugurada em 04 de dezembro de 1976 .....	15
Figura 2 – Pista de skate de Nova Iguaçu nos anos 70 após sua inauguração .....	15
Figura 3 – Coletivo Ademafia em Barcelona .....	21
Figura 4 – Baile do Ademar na Praça XV .....	28
Figura 5 – Dançarinas no palco do Baile do Ademar .....	28
Figura 6 – Encontro do bloco na Praça XV .....	30
Figura 7 – Primeiro bloco “Essa molezinha vai acabar” – 2016 .....	30
Figura 8 – Skatistas no bloco pelas ruas do Rio de Janeiro.....	31
Figura 9 – Muros pintados por Kajaman e colaboradores locais.....	40
Figura 10 – Projeto Rodas/Canal OFF .....	41
Figura 11 – Foto da campanha para a ação coletiva em prol do Instituto Ademafia .	42
Figura 12 – Crianças da Tropinha do S.A. ....	43
Figura 13 – Uniforme do Skate Olímpico – Tóquio 2020/2021 .....	50
Figura 14 – Kelvin Hoefler medalha de prata na Olimpíada de Tóquio .....	52
Figura 15 – Rayssa Leal medalha de prata na Olimpíada de Tóquio.....	53
Figura 16 – Pedro Barros medalha de prata da Olimpíada de Tóquio .....	53
Figura 17 – Mulheres de skate nos anos 60.....	57
Figura 18 – Jovens andando de skate em piscinas abandonadas nos Estados Unidos .....	57
Figura 19 – Skate nos anos 60 nos Estados Unidos.....	58
Figura 20 – Life style punk .....	58
Figura 21 – Movimento punk nos anos 80.....	59
Figura 22 – StreetWear .....	59
Figura 23 – Movimento punk.....	60
Figura 24 – Skatistas vestidos com estilo rap .....	60
Figura 25 – Gabriel Bila que mistura os estilos do Rap e do Funk .....	61
Figura 26 – Jovens nos anos 90 e o skate .....	61
Figura 27 – Rapper Tupac Shakur .....	64
Figura 28 – Rapper Sabotage .....	65

Figura 29 – Racionais Mc's .....	65
Figura 30 – Rapper e Skatista Kamau.....	66
Figura 31 – Banda Charlie Brown Jr. ....	69
Figura 32 – Equipe PIPO'S .....	71
Figura 33 – Gabriel Bila em um dos becos do Morro Santo Amaro .....	77
Figura 34 – Manobrar a cidade .....	80
Figura 35 – Imagem clicada por Ronaldo Land, fotógrafo, cineasta e skatista .....	81
Figura 36 – Trechos do documentário Santo Amaro era skatista.....	84
Figura 37 – Skatista Anderson Stevie em sua comunidade em São Gonçalo.....	87
Figura 38 – Skatista exibindo um skate com formato de fuzil no Baile do Ademar ...	87
Figura 39 – Skatista Gabriel Bila em comunidade do Rio de Janeiro.....	87
Figura 40 – Rayssa Leal, fadinha do skate e hoje medalhista Olímpica .....	89
Figura 41 – Ademar Lucas com os produtos da “firma” .....	93

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gírias-código .....	47
Tabela 2 – Gírias ressignificadas .....	47
Tabela 3 – Gírias de julgamento .....	48

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>6</b>
<b>1 DA HISTÓRIA DO SKATE AO SURGIMENTO DA ADEMAFIA .....</b>	<b>11</b>
1.1 História do Ademar Lucas e o surgimento da Ademafia .....	16
1.2 Alguns personagens do coletivo e suas histórias de vida .....	22
1.3 O Baile do Ademar: o skate, a manobra e o passinho .....	25
1.4 Bloco “Essa molezinha vai acabar” .....	29
1.5 Santo Amaro era skatista .....	32
1.6 Ademafia: a pista no morro, reciclando os espaços .....	34
1.7 A escolinha de skate no Morro Santo Amaro e outros projetos sociais: “Na favela tem gente de bom coração” .....	36
<b>2 SKATE EM MANOBRAS MARGINAIS.....</b>	<b>44</b>
2.1 Skate: da marginalidade à olimpíada .....	50
2.2 Moda e skate.....	55
2.3 Música e skate .....	62
2.4 Rap.....	64
2.5 Rock.....	68
2.6 Funk .....	70
<b>3 O SKATE E A CIDADE .....</b>	<b>72</b>
3.1 De rolé pela cidade .....	72
3.2 O skate e a ressignificação da violência: “Estamos no meio do tiro no Morro dos Prazeres” .....	83
3.3 A rua e a rede.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou psicóloga e tenho afinidade com a Psicologia Social e Esportiva com uma visão centrada nas pessoas, desinstitucionalizada. Trabalhar e conhecer grupos sociais diversos me fez enxergar uma nova psicologia: a psicologia das minorias e de grupos esportivos e sociais marginalizados. Iniciei meu trabalho como psicóloga atuando em consultório, procurando atender um público que antes não tinha acesso ao serviço de psicologia. Esse tipo de atendimento para a sociedade era visto com exclusividade de pessoas ricas e que tinham condições financeiras para investir. Sou militante do SUS (Sistema Único de Saúde) e prezo pela sua bem feitoria, buscando equidade e legitimidade social. O sistema social e de saúde encontra-se cada vez mais deficitário, e as demandas não conseguem ser atendidas nas favelas e periferia do Rio de Janeiro. Com isso, busquei atuar de maneira a acolher tais demandas excluídas pelo sistema, cobrando valores sociais que pudessem ser acessados por pessoas que se encontram as margens da sociedade. Tanto busquei, que cheguei ao Morro Santo Amaro, no Catete, através do meu companheiro, oriundo desta favela, que me apresentou a carência estrutural, mas também toda potência que havia lá, os projetos esportivos, sociais e pessoas que buscavam qualidade de vida e tratamento psicológico e não tinham acesso. Percebi a maneira com que a comunidade se apropria dos bens culturais, raciais e históricos para desenhar futuras gerações através da política social e empreendedora, me interessando enquanto pesquisadora e trabalhadora do serviço de saúde mental. O interesse na pesquisa vem da minha afinidade com o skate. Sou companheira de um atleta da modalidade, membro do coletivo Ademafia, e vivenciei o dia a dia, as dificuldades e tudo que envolve esse esporte como a cultura de rua, a arte e a música. Tudo isso faz parte do universo do *skateboard*. Sou ex-atleta profissional de voleibol e minha inclinação imediata ao esporte e a sociedade é algo que me conduz a inúmeras perguntas que procuro, a cada leitura, pesquisa ou em meus atendimentos, respondê-las. Definitivamente, eu não sei andar de skate apesar de admirá-lo. Admiro o movimento, as iniciativas e a filosofia. E acredito que posso contribuir com a modalidade na pesquisa e como psicóloga.

A partir desse movimento, conheci pessoas que fazem a diferença nas comunidades e favelas que residem, com propostas diversas. Uma me chamou a atenção, ADEMAFIA. Um coletivo de skate, cultura e arte urbana idealizado por

Ademar Lucas, nascido e criado no Morro Santo Amaro, com o intuito de levar a cultura da favela, do skate e da arte a todas as comunidades, por meio de ações em redes sociais, atingindo todo tipo de gente, da favela ao asfalto, assim criando um canal no *Youtube*, hoje um dos mais respeitados do país, incentivando o esporte como ferramenta de intervenção social, criando perspectivas a quem não tinha esperança.

A pesquisa visa compreender as ações do Coletivo Ademafia e do seu criador Ademar Lucas, e como o skate, as marginalidades, o direito à cidade, a mobilidade, a cultura e a arte implicam em todo contexto social. A pesquisa caminha pelo campo interdisciplinar, com ênfase na sociologia, comunicação, filosofia, história e psicologia. Traçando um paralelo entre o esporte como ferramenta da intervenção social e as suas marginalidades. Busca-se nessa pesquisa a essência de um esporte que, visto como estilo de vida, se tornou esporte olímpico. Essa linha tênue entre o olimpismo e o estilo de vida gera hoje impactos marcantes na identidade dos praticantes e atletas. No que diz respeito a *ordem*, padronização e conceito de alto grau de competitividade são concepções ainda muito discutidas no universo do skate. Como padronizar algo livre? Como ordenar o processo criativo e *insights* nas manobras sem tirar a beleza artística e filosófica delas? O conceito do skate é bem simples: rua, estilo, diversão, liberdade e lealdade ao esporte. Os conceitos vão para além dos citados acima, a intervenção social, alegria, acolhimento, criatividade, projeção e autenticidade são marcas desse movimento que cresce a cada dia, gerando afinidade com todas as classes sociais, gêneros e raças. Propõe-se com esta dissertação dar a ver os movimentos do skate pelas pistas encontradas nos projetos e iniciativas do coletivo Ademafia que fazem desse esporte um meio de intervenção social. Dialogando com a arte e a cultura urbana, o Skate transita do morro ao asfalto, fomentando a participação da comunidade, promovendo educação, esporte e cultura aos skatistas do Rio de Janeiro.

Por estas pistas, trataremos dos conceitos de diversidade e identidade e estabelecemos como hipótese que *o direito à cidade* – outro conceito caro a esta pesquisa – se dá pelos movimentos marginais e sinuosos do skate que, buscando pistas e manobras, ressignificam a violência e as marginalidades através do skate, promovendo inclusão e novas perspectivas acerca do skate como estilo de vida, transformando e ampliando a visão sobre o esporte marginalizado, destacando todas as manobras para descer do morro ao asfalto com consciência social e protagonismo.

Para encaminhar a discussão e definir os territórios de análise, foram fundamentais até agora as leituras de David Harvey, Henri Lefebvre e o conceito de *direito à cidade*, Zygmunt Bauman e as *identidades* em diálogo com Stuart Hall, Heloísa Buarque de Hollanda e seus estudos sobre o *Movimento Marginal*, Antonio Candido e a perspectiva da ordem e da desordem brasileira, com a capacidade “malandra” de transitar entre elas, Milton Santos com suas reflexões sobre *territorialidades* e Yi-Fu Tuan e a questão do *lugar*. O documentário *Santo Amaro era skatista* (2017), dirigido por Felipe Martins foi o ponto de partida documental para a análise do coletivo Ademafia.

O documentário conta a história do fundador do coletivo Ademafia, personagem guia da nossa linha de análise. É a partir dele, dos seus movimentos e relatos que a dissertação vai se desdobrando em uma discussão sobre o movimento skatista, seus caminhos e suas manobras de direito à cidade e intervenção social. Nesta medida, pesquisamos o skate e o impacto nos territórios e na comunidade do Morro Santo Amaro, na zona sul do Rio de Janeiro.

Em tempos em que se discute o lugar dos indivíduos, racismo, preconceitos e a favela, o skate cruza esse caminho e rompe barreiras utilizando-se de variadas tecnologias audiovisuais, novas ferramentas de informação, arte e cultura urbana. O coletivo Ademafia surgiu em 2014 com a iniciativa do skatista Ademar Lucas, para que suas experiências no skate e suas inquietações sobre o esporte, favela, periferia, música, arte, grafite e tudo o que envolve a cultura urbana pudessem ser vistos e experienciados por mais pessoas além dele e seus amigos locais. O canal no *Youtube* como plataforma de comunicação e as mídias sociais como o *Instagram*, foram as primeiras formas de divulgação deste menino que se destacou no skate.

Ao longo dos anos, o canal foi tomando forma, mais acessos, mais estrutura e o coletivo totalizando mais de 200 mil seguidores. Com mais visibilidade por conta do canal, o coletivo foi convidado para a criação de um documentário intitulado *Santo Amaro era skatista*, dirigido e roteirizado por Felipe Martins e com a direção de fotografia de Ronaldo Land, membro da Ademafia<sup>1</sup>.

Fortalecendo-se e em intenso trabalho, o coletivo presta serviços audiovisuais de edição, conteúdo e mão de obra qualificada para promover o esporte e a cultura local. Por identificar tal riqueza de possibilidades para discutir o direito à cidade e a

---

<sup>1</sup> O filme está disponível nos canais OFF, *Youtube* e Globosat.

intervenção social, esta pesquisa quer inserir o estudo deste coletivo no cenário acadêmico com base em um estudo documental que interliga os jovens, pelo skate, as inúmeras ferramentas de inclusão, formação e informação e a arte como ressignificação da violência. Pelos canais de comunicação, a Ademafia leva a mais camadas sociais, gêneros e raças a realidade vivenciada pelo skatista na rua, com conteúdo próprio para todas as idades.

[...] a existência de inúmeros programas sobre skate na televisão, principalmente na tv a cabo, no cinema, e a quantidade de revistas e zines dedicadas ao skate dão prova do fenômeno que ele representa na contemporaneidade. Mas esses enfoques midiáticos ocorrem, entre outros motivos, tanto em função da quantidade de skatistas brasileiros com títulos de campeões mundiais – Bob Burnquist, Sandro Dias “Mineirinho”, Rodil de Araújo Jr., Carlos de Andrade, Rodrigo Meneses, entre outros – quanto pelo grande número de praticantes dessa atividade: o skate é um dos esportes mais praticados no Brasil, sendo que sua popularidade nos dias atuais levou até existência, na cidade de São Paulo, do dia do skate (03 de agosto), conforme lei proposta pelo Deputado Estadual Alberto Hiar (Lei Municipal 11812-95). (BRANDÃO, 2011)

Propõe-se observar, via revisão historiográfica e videográfica dos conteúdos referentes ao coletivo, as ações e resultados das iniciativas nas comunidades principalmente no Morro Santo Amaro no Catete, sob uma perspectiva de intervenção social através dos projetos da Ademafia: o coletivo e coletividade, suas marginalidades e identidades encontradas na pesquisa. A proposta é promover discussões acerca dessas temáticas e analisar a trajetória do coletivo. O relato de experiência mostra a ligação desta pesquisadora com o trabalho e o coletivo, a partir da vivência com a Ademafia.

No capítulo 1, analisamos o início do skate e seu surgimento através do surf nos Estados Unidos, recortando imagens e referências acerca da história. Seguindo para o surgimento do coletivo Ademafia, onde e quem eles atendem em suas iniciativas e os personagens que atuam na Ademafia pela perspectiva do documentário *Santo Amaro era skatista*, disponível no *Youtube*. Ainda neste capítulo lê-se a história de vida de Ademir Lucas, fundador da Ademafia, que sonha em levar o skate do asfalto para o morro, e uma pista de skate para sua comunidade. A partir de suas ações percebe-se a intervenção social e esportiva através da criação do Instituto Ademafia. O capítulo 2, “Skate em Manobras Marginais”, aborda as marginalidades do sujeito skatista, iniciando com uma perspectiva sobre as questões de privilégio da pesquisadora e o seu relacionamento com um skatista membro da

Ademafia, passando pela dificuldade de descer o morro e pertencer a cidade e aos movimentos sociais urbanos em cima do skate, dirigindo o diálogo pelo viés da moda e comportamento desde os anos 60, com o surgimento do skate nos Estados Unidos, até os anos 90. Trazendo a mulher sobre rodas, um paralelo sobre o machismo, moda e sociedade.

Recortando a música como identidade dos skatistas e um dos principais conteúdos do movimento *skateboard*, visto socialmente como marginal, sendo apresentado o Rap, Rock e o Funk. No capítulo 3 será abordado o “Skate e a cidade”, apresentando o diálogo entre o processo de pertencimento do skatista nos territórios urbanos, sua maneira de se apropriar das ruas, becos e avenidas. Transformando praças em obstáculos, construindo sua identidade urbana através da ocupação e ativação desses espaços. Por fim, “A rua e a rede”, trazendo o universo da fotografia e do audiovisual como fundamentais na prática do skate e como atuam os *videomakers* skatistas e o conceito de imagem da modalidade. Como viabilizam os registros das ações em prol da comunidade, os caminhos por onde o skate passa, a contramão das ruas e espaços para darem vida ao canal no *Youtube*. O audiovisual e as redes, na expansão do conteúdo desse território carioca para o Brasil e o mundo.

## 1 DA HISTÓRIA DO SKATE AO SURGIMENTO DA ADEMAFIA

Segundo BRANDÃO (2006), o skate surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, no estado da Califórnia. Surfistas inventaram um meio de diversão em dias que o mar não oferecia qualidade para a prática do surfe, com isso, surfavam no asfalto em busca de adrenalina e superação de obstáculos locais, com uma madeira adaptada em rodinhas de patins. Inicialmente o esporte era chamado de *sidewalk surfing* (surf de calçada), depois foi oficialmente batizado de *skateboard*. Com o surgimento do skate nos anos 60, através do surf na Califórnia, com as referências ligadas a praia, movimento *hippie*, as piscinas vazias de casas abandonadas viraram refúgio para os praticantes da modalidade, onde construíram em pequenas pranchas de madeira com quatro rodas, uma adaptação para “surfar no asfalto”, posteriormente o skate iniciou uma transição quando ganhou as ruas, parques e praças. Através dessa transição e com o passar dos anos, o estilo de rua iniciou a sua trajetória incorporando a influência urbana nas características de roupas e acessórios. Das piscinas o skate foi para as ruas. E foi nas ruas que realmente o *skateboard* iniciou sua história influenciando jovens pelo mundo. Entendemos o início da marginalidade relacionada ao skate nessa época, quando para praticar a modalidade era necessário invadir residências e locais abandonados, e os jovens nessa época eram chamados de “delinquentes juvenis”.

O esporte chegou ao Brasil em meados da década de 1960 por meio dos surfistas que desbravavam os mares e a cultura californiana. O *skateboard* como é chamado em seu país de origem, em tradução livre para o português seria “madeira sobre rodas”, tornou-se esporte de prática competitiva nos anos de 1970 no Brasil, havendo um processo de esportivização, sendo organizados circuitos regionais e brasileiros com surgimento de associações e um grande movimento de esfera nacional do esporte. Apelidado carinhosamente no Brasil de “surfinho”, além do *street skate*, o skate ganhou novas modalidades. De acordo com Von Groll (2010), foi na década de 1970 que o skate deu o seu grande salto. Primeiro os skatistas descobriram que dava para andar de skate nas paredes das piscinas que ficaram vazias devido à seca que atingiu a Califórnia. Era divertido fazer isso porque o movimento nas paredes das piscinas lembravam as ondas do surf. Em segundo, era inventada em 1974 a rodinha de poliuretano (antes as rodinhas eram feitas de ferro e mais tarde de baquelite, um tipo

de plástico duro). Começava então a revolução no skate.

Devido a crescente quantidade de praticantes, surgiram diversos locais específicos para a prática do Skate, os chamados skate parks, a maioria particular. São realizados o primeiro aéreo (Frontside Air) por Tony Alva em 1977, o primeiro ollie (Frontside Ollie) em pistas por Allan Gelfand em 1978 e o primeiro looping pelo profissional norte americano Duane Peters em 1979, manobras que modernizariam o Skate. Entretanto devido aos inúmeros acidentes acontecidos nos skate parks e aos altos valores pagos de indenizações e seguros, muitos locais fecharam e a procura diminuiu drasticamente, o que trouxe um colapso ao Mercado do Skate, fechamento de muitas empresas e perda de patrocínio de quase todos os skatistas profissionais. No final desta época o Skate criou identidade própria se ligando mais a contra-cultura que nascia na época, a New Wave e o Punk, tornando-o um esporte rebelde. (SKATE, [s.d])

Segundo Brandão (2012), no início como não havia skates – ou surfinhos – para vender no Brasil, os jovens o improvisavam arrancando os eixos e rodas dos patins e os fixavam numa madeira qualquer, cortando-a no formato que viam nas páginas das citadas revistas norte-americanas. Por volta de 1974, quando os primeiros skates passaram a ser vendidos no Brasil, eles eram encontrados somente em *surf shops*, ou seja, em lojas de surfe. O skate traz consigo uma cultura muito peculiar, seja ela comportamental, musical, artística, midiática, no estilo de se vestir, se sentindo pertencente ao início de uma nova era, se tratando de cultura urbana e ocupação dos espaços urbanos. No início dos anos de 1980 a cultura *Punk e New Wave* eram presentes no skate como uma forma identitária, o rock como trilha sonora e a rebeldia como forma de expressão. Era uma espécie de anarquia urbana, onde a ocupação dos espaços como obstáculos e encontros das tribos contra as opressões era uma marca política desses grupos. Essa cultura do skate iniciou um movimento muito forte no Brasil no final da década de 1970 e início da década de 1980 com o surgimento das revistas de skate. Em que os jovens tinham acesso à informação, novidades sobre o universo do esporte, estilo de vida, música e cultura.

Em 1977, surgiu no Rio de Janeiro a *Esqueite*, primeira revista de skate com distribuição nacional. Anunciada com periodicidade mensal e com tiragem de trinta mil exemplares, essa revista, que contava com trinta e cinco páginas em preto e branco, recheada com fotos, publicidades e matérias sobre skate, não conseguiu se estruturar no mercado editorial brasileiro, o que revela a fragilidade mercadológica do skate na época. (BRANDÃO, 2012)

Nessa época, o skate brasileiro ainda era mais um esporte importado dos Estados Unidos, criando sua identidade nacional, mesmo com nomenclaturas

americanas como: *Nose-wheelie*, *Kneelie*, *Kick-turn*. Aos poucos o mercado do skate foi se expandindo no mercado editorial, com produções de conteúdo cada vez mais brasileiras, era o auge.

Além do uso do inglês como referência aos movimentos e tendências do skate, outro aspecto que desponta nesta revista é a divulgação, por várias páginas, de espaços na cidade do Rio de Janeiro propícios à prática do skate. Não se trata somente de pistas, mas sim de lugares da cidade como ruas, monumentos e estacionamentos que podiam ser apropriados, pelos skatistas, como espaços. Conforme Michel de Certeau (1994), o espaço é o lugar praticado, de modo que a rua geometricamente definida pelo urbanista é transformada em espaço por quem a usa e como a usa. Deste modo, ao sugerir lugares para a prática do skate, a Esquete visava à construção de espaços ambientados pelo uso skatístico das manobras, evoluções e deslizamentos. (BRANDÃO, 2012)

De acordo com Teixeira e Silva (2017) em estudos de Brandão (2014) e Machado (2012) sobre as relações entre poder público e skatistas na cidade de São Paulo demonstram que, historicamente, a construção de *skateparks* e a progressiva responsabilização do Estado pela implementação dessas pistas vêm constituindo-se como modos de governar os skatistas *street*, uma vez que as pistas só passam a aparecer quando uma série de indisposições passa a se desenvolver. Não se trata apenas de construção de espaços “apropriados” aos skatistas, mas se trata dos skatistas ocuparem a cidade de maneira integral, sejam deslizando em monumentos, banco das praças, interpretando a cidade como um indivíduo em busca de liberdade e desafios.

A ideia, aqui em questão, é a da cidade-texto, metáfora explorada por Deusdetih Junior (2000) num artigo chamado “A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade”. De acordo com este historiador, a cidade também pode ser compreendida, questionada e interpretada como um texto. Como não se lê um texto de um só modo, a cidade também está sujeita a múltiplas idiosincrasias. Desta forma, a cidade pode apresentar variados discursos e se tornar um local propício à sinergia de criações. Para além de suas casas e funções objetivas, a cidade pode revelar elementos de subjetivação em suas enunciações arquitetônicas. Deste modo, ao imaginar ou ao ler o espaço de uma forma diferente do usual, os skatistas passaram a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam seus sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade. Tal prática redefinía ou redesenhava os sentidos originais projetados a esses espaços. (BRANDÃO, 2012, p. 12)

Ao citar espaços urbanos e sua ocupação por skatistas, é importante ressaltar que esses indivíduos que praticam esse esporte são vistos como marginais desde o surgimento da modalidade. Vistos como “rebeldes, desviados, más influências” pelo

sistema e pela população.

O skate apareceu como um desafio à paisagem urbana e hoje [maio de 1986] se estendeu por todos os cantos do país. Acho o skate o esporte mais punk, pois andar de skate é uma anarquia saudável. Você se sente dono da cidade. Cria em cima daquilo que já foi criado. Enfim, inverte tudo o que está parado (BRANDÃO, 2012 *apud* Revista Yeah!, n. 2, 1986, p.10).

Para se andar de skate não basta um skate nos pés, mas tudo que envolve a cultura do esporte chamado de “estilo de vida”. O estilo de vida incorporado na identidade dos skatistas, traz consigo a música, a vestimenta, os ideais, o senso de coletividade e o companheirismo com os colegas, a busca pela liberdade e a transgressão de regras impostas pela sociedade. Para Giancarlo (2012) *apud* Machado (2014), os skatistas compartilham gostos musicais e por consequência compartilham jeitos de se vestir, e desse jeito se agrupam dentro de suas características e ideias: “[...] skatepunks, gangueiros e rastas são algumas das várias representações nativas que levam em conta as músicas ouvidas e roupas usadas” (MACHADO, 2012).

Importante ressaltar que a primeira pista de skate construída no Brasil e na América Latina na década de 70 está situada em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro, uma iniciativa de skatistas locais para a prática do esporte. De acordo com *site* RankBrasil (2013), a pista recordista de Nova Iguaçu ainda existe e é patrimônio histórico do skate nacional. Antes mesmo da inauguração do local, o país realizou o primeiro campeonato de skate, que aconteceu em 1974, no Clube Federal do Rio de Janeiro. Essa era uma época de difícil acesso aos grandes centros ou a capital Fluminense, por exemplo. E isso mostra a margem que o skate ocupa desde sua origem até a sua chegada ao Brasil.

**Figura 1 – Pista de skate em Nova Iguaçu na atualidade, inaugurada em 04 de dezembro de 1976**



Fonte: Google Imagens

**Figura 2 – Pista de skate de Nova Iguaçu nos anos 70 após sua inauguração**



Fonte: Google imagens

Após a história do skate e de suas pistas, será importante entender a história do Ademar Lucas e do Coletivo Ademafia.

## 1.1 História do Ademar Lucas e o surgimento da Ademafia

Ademar Lucas é Carioca, nascido e criado no bairro Catete na Zona Sul do Rio de Janeiro, mas especificamente no Morro Santo Amaro, iniciou sua trajetória aos 8 anos quando ganhou um skate velho do seu pai Ademir de aniversário. Ademir e sua esposa Maria Socorro oriundos do Ceará como muitas histórias das favelas cariocas, migraram para a capital Fluminense em busca de uma vida melhor, trabalho e dignidade. Se instalaram no Morro Santo Amaro há mais de 40 anos, assim, construindo sua família de seis filhos, sendo o mais novo Ademar Lucas. Vida difícil, sem privilégios, através do esporte iniciou o filho mais novo dessa grande família no skate. Após ver alguns de seus amigos e conhecidos do morro andando de skate no bairro do Catete na Zona Sul do Rio de Janeiro, Lucas pediu um skate ao seu pai para poder compartilhar momentos de aventuras e novas descobertas com seus amigos nas ruas de seu bairro.

A história do skate é essa, a gente sempre invadiu lugares pra andar de skate, a gente sempre andou contra o fluxo de tudo, né? Marginalizados por muito tempo. Eu, quando comecei a andar de skate, morava em comunidade, lá no começo, minha mãe ia me ver na pista, porque ela tinha medo que eu me relacionasse com as coisas erradas da comunidade, começou a me colocar pra fazer esporte. E aí eu comecei no futebol, mas eu não gostei tanto, e aí quando eu comecei o skate, eu não saí mais da rua. Ela ia tentar me olhar, porque achava nocivo o lugar, pela quantidade de gente diferente que tinha, com relação também à segurança, drogas etc. (PEREIRA, 2020, p. 150)

Descer o morro e tomar posse da cidade desafiou Lucas desde sua infância em cima do skate. Preconceito, falta de incentivo e a falta de informação sobre o esporte o trouxeram dúvidas que foram sanadas por um olhar clínico de um ex-surfista profissional: o Duca. Conhecido no bairro por sua loja de produtos esportivos voltado ao skate e surfe, Duca soube de um menino pequeno do morro que tinha talento, que andava pelas ruas do bairro e pela pista de skate do Aterro do Flamengo. No filme *Santo Amaro era skatista* de 2017, Duca disse “Ou esse moleque não sabe andar, ou esse moleque sabe andar demais”, ao encontrar Lucas manobrando. “Fui lá trás, na minha essência, aos 12 anos pegando onda no Arpoador, veio um cara chamado Alberto Valério, que me olhou e disse, você sabe pegar onda, vou te patrocinar”, Duca completa, relatando um episódio importante na sua iniciação esportiva, quando recebeu seu primeiro incentivo no esporte.

Como seu mentor e principal apoiador financeiro para viajar em competições e

renovar seu material esportivo, Duca conseguiu que Lucas com o passar dos anos se aprimorasse cada vez mais no esporte, conquistando inúmeros títulos e reconhecimento nacional. Assim, uma marca famosa internacionalmente o convidou para fazer parte da equipe de *flow*, posteriormente agregando a equipe principal.

Apoios como da família, do Duca e dos amigos, fizeram Lucas acreditar que seria possível viver do skate e ajudar sua família. No momento em que Lucas assinou o contrato com uma equipe de grande valor internacional, precisou ir atrás de um *videomaker* para que o filmasse e produzisse conteúdo, para revistas e possíveis futuros patrocinadores e apoiadores, apesar de longos meses de dedicação, viajando para filmar e rendendo boas manobras, o cansaço e a estafa sucumbiram a lesão. Lesionando o joelho direito, com necessidade de cirurgia, mas sem condições financeiras para a realização e tratamento, optou pelo formato convencional de reabilitação: imobilização, medicamento, gelo e fisioterapia. Mas depois de muita dedicação, não foi possível uma reabilitação com 100% de eficácia.

Em cinco meses, eu fiz um trabalho com eles de filmagem, de foto, de revista. Fiz minha primeira turnê, não sabia como era fazer demonstração, nada. [...] Vou entrar para esse time, começar a receber, minha vida vai mudar, vou começar a viver do skate, que é um sonho! Torci o joelho e falei “fodeu, já é”. Sendo que eu fiz tanta coisa nesses cinco meses, que eu fiquei um ano depois da lesão saindo foto, vídeo, matéria, de tudo que eu tinha feito nesses cinco meses que eu vi de oportunidade. (SANTO, 2017)<sup>2</sup>

Foi um momento difícil para o skatista, depois de anos de dedicação, ver tudo seguindo um rumo diferente. Foi a partir disso, que Lucas decidiu iniciar um canal no *Youtube*, em que pensou junto com seu amigo Francisco Guimarães, o *Cochi*. O coletivo Ademafia surgiu em 2014. Lucas, nascido e criado na comunidade de Santo Amaro, em um ambiente cercado de ilusões, se apega aos ensinamentos dos seus pais, que sempre batalharam pelo futuro dos filhos. Quando lesionou o joelho e teve que começar um processo de reabilitação doloroso, aproveitou o momento para criar um canal de vídeos no *Youtube*, para que o esporte, favela, periferia, música, arte, grafite e tudo que envolve a cultura urbana pudessem ser vistos e experienciados por mais pessoas além dele e seus amigos locais. Assim, surgiu o coletivo e o canal na internet.

---

<sup>2</sup> Filme *Santo Amaro era skatista*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pKIZzhtBwfc>>. Acesso em: 12 dez. 2020. Transcrição feita pela autora.

Ao longo dos anos, o canal foi tomando forma, com mais acessos, mais estrutura e incentivo. Na medida em que foi ganhando visibilidade, o coletivo foi convidado para ser protagonista de um documentário filmado e dirigido pela Globosat: *5 anos de Ademafia* (2019), que está disponível nas plataformas do canal OFF, tanto televisivo quanto *site* e o canal no *Youtube*. Com toda a visibilidade e reconhecimento do coletivo, os caminhos fizeram com que a Ademafia se descobrisse como produtora de conteúdo e prestadora de serviços audiovisuais de edição, geração de conteúdo e mão de obra qualificada para promover o esporte e a cultura pelo mundo. Seus conteúdos estabelecem o diálogo social na comunidade carioca-skate, apresentando aos jovens inúmeras ferramentas de inclusão, formação, informação e entretenimento relacionados a este esporte urbano. A preocupação do coletivo é levar o skate a todas as classes sociais, gêneros e raças, apresentando a realidade das vivências da rua, preocupando-se com um conteúdo que possa ser veiculado para todas as idades.

Ademar Lucas (2014) cita no primeiro vídeo do canal: “É isso aí, tô aqui no Santo Amaro, minha terra natal, aqui no Catete”; que deu início aos vídeos do coletivo Ademafia. Foi a partir da plataforma digital *Youtube*, que os vídeos do dia a dia de skate da *crew* foram sendo cada vez mais vistos pelo Brasil e pelo mundo. Em uma entrevista no canal The Skate, os comentários tornam-se como um grito de guerra: “Ademafia me dá mais garra e vontade de viver”, “humildade total, vivência”, “vocês são rua”, “Ademafia, os menó da marca pika”; frases inspiradas nas falas e atitudes do coletivo, que por onde passam, levam inspiração aos jovens nos rolés pelas ruas do mundo afora. Nesta mesma entrevista, Ademar Lucas cita a dificuldade de um coletivo carioca de conseguir visibilidade nas mídias, pois, é em São Paulo que tudo sempre acontece. Interessante frisar esse aspecto sobre visibilidade, o mercado no estado do Rio de Janeiro é escasso para jovens skatistas conseguirem produzir material e viverem do skate, já em São Paulo, as empresas e revistas estão localizadas na capital paulista, agregando valor e investimento aos atletas da modalidade.

Gabriel Bila, que aprendeu a andar de skate com a ajuda de seu tio Ademar aos oito anos de idade, foi um dos protagonistas nesse início de produção audiovisual dos conteúdos vivenciados por eles. Um skatista que vem do Morro Santo Amaro, no Catete, agrega aos vídeos, as filmagens e o protagonismo das cenas em suas manobras cheias de pop, estilo e com identidade única. Com Cochi (Chico ao contrário), linguagem muito comum no bairro do Catete, onde se fala ao contrário,

contrariando a lógica da percepção e entendimento das conversas e seus significados, imprimindo cada vez mais uma identidade do bairro carioca. Cochi, um jovem estudante de design da PUC-RIO, com toda sua experiência em audiovisual, oriunda de seu pai, um talentoso criador de vinhetas, designers e audiovisual da Tv Globo, trouxe ideias e técnica às filmagens, mesmo que amadoras, assim foram desenvolvendo o seu jeito Ademafia de filmar skate nas ruas do Rio de Janeiro. O que seria o jeito Ademafia?

Essa *crew*, nascida e criada no bairro Catete, se movimenta pelos bairros como Lapa, Glória e Centro de maneira orgânica pelas ruas e vielas. Mendigos, prostitutas e vendedores são personagens icônicos na saga do grupo por um pico ideal para vivenciar o skate de rua. A descrição do canal Ademafia no *Youtube*, feita por Lucas Nunes (2014), ressalta pelas ruas, via e guetos por onde se vai uma mesma frase:

– Ademafia caraaai! A ademafia é o que nos une. Nosso gesto. Ademafia representa a força do skate praticada na essência: pura diversão, irmandade, alegria e algumas tricks. Tey! Começou no Rio com a ideia de mostrar a cena local, mas em pouco tempo o movimento ganhou força e hoje é possível escutar nos principais picos de skate do Brasil um mesmo grito: Ademafia carai. O movimento se chama Ademafia e a websérie se chama Adelife. Adelife é a websérie que apresenta os personagens do movimento Ademafia. São episódios gravados em diversos picos com o intuito de apresentar a galera que tá movimentando todos os elementos da nossa cultura urbana, como o grafite, rap, skate, e ao mesmo tempo estimular essa galera a produzir cada vez mais. É semanal, é skate, hip hop, zuêra, manobra, sangue escorrendo, mendigo, “mortal-pra-trás-e-pra-frente”, manobra, mulher de três pernas, banguela, manobra, barulho e tiro “pro alto”.<sup>3</sup>

A ideia inicial seria um canal intitulado “O Fantástico Mundo de Ademar”, porém a ideia não saiu do papel. O objetivo do canal é mostrar os talentos do skate, da música, da arte e pessoas que produzem conteúdo social nos territórios por onde passam, dando visibilidade a quem não tem espaço nas grandes mídias mostrar o entorno, o periférico, o marginal, em busca do progresso social e inclusão desses personagens e de todos que aderem e assistem o canal. A mensagem principal do coletivo é passar bons exemplos vindos de comunidades carentes do Rio, ressignificar o estigma e o conceito de invisibilidade para quem nasceu nessa realidade cada vez mais presente nos grandes centros urbanos brasileiros.

A partir do momento que eu comecei a entender isso, eu comecei a dirigir

<sup>3</sup> Descrição do canal no Youtube: Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/channel/UC63S58vWTVXO\\_t5D8y4wx8Q/about](https://www.youtube.com/channel/UC63S58vWTVXO_t5D8y4wx8Q/about)>.

meus conteúdos pra ser muito informativo e estimulante mesmo, sabe, eu mostro tanto a dificuldade das coisas acontecerem, mas também, como fazer as coisas acontecerem, de uma forma que qualquer um consiga, já fiz viagem pra Europa, [...] a viagem nasceu com o propósito de mostrar que quando você tem um sonho, por mais que possa parecer ser difícil, você consegue, se organizando, batalhando, tipo, essa viagem teve esse propósito, no final do vídeo a gente fala "ah, se você mano tá aí sentado e tem um sonho, levanta e vai correr atrás, a gente não tem estrutura nenhuma e viemos pra cá. (SANTO, 2017)<sup>4</sup>

A Ademafia não é a voz somente de seu idealizador, é a voz da favela, é a voz dos oprimidos e calados durante todo esse tempo, do skatista visto como marginal nas ruas e na Praça XV, é o encontro sublime do criador e da criatura, do idealizador e dos seguidores, uma obra-prima social, pois, esperar que um sistema governamental incentive e dê oportunidade é a utopia mais mentirosa para quem veio de uma comunidade. Transgredir o sistema de maneira ética, pensada e respeitosa é um ato político, assim, a Ademafia ganha mais espaço em diferentes territórios cariocas e brasileiros. Levando realidade, esperança e consciência social. Adelantos é a expressão adotada para os integrantes da *crew*, onde cada um possui sua colaboração, seja ela no skate, na música, no grafite, *videomakers* e Adelantos: termo utilizado pelo coletivo para denominar os participantes e membros da Ademafia. São os Adelantos que fazem a roda girar e o conteúdo aparecer. Por meio da vivência de cada um, surge uma nova história e, assim, os Adelifes vão surgindo. No vídeo do canal Ademafia, Lucas fala sobre eles:

Em todo lugar tem adelantos, o trabalho dos adelantos é isso mesmo, tipo, disseminar a Ademafia mostrar as caras que a Ademafia tem, a gente consegue mostrar hoje várias histórias, [...] todo mundo vai agregando para ser uma coisa muito maior. Os adelantos são as formiguinhas que trabalham para isso tudo funcionar. Falar dos adelantos é citar personagens que fazem essa atmosfera de vivência e experiência ser cada vez mais real e transparente. (COMO, 2017)

Tais personagens são fundamentais para a construção do discurso identitário do skatista pelo ponto de vista do coletivo. Fala-se de construção de um discurso de identidade, levando em consideração que identidade é um discurso construído na relação dos personagens que experienciam determinado território e seu contexto

---

<sup>4</sup> Filme *Santo Amaro era skatista*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pKIZzhtBwfc>>. Acesso em: 12 dez. 2020. Transcrição feita pela autora.

histórico. Nesta medida, estamos tomando como referência tanto as discussões capitaneadas por Stuart Hall quanto aquelas defendidas por Homi Bhabha, quando tratam de questões identitárias. Entendendo que o texto discursivo é um tecido de linguagens que é estabelecido por um determinado grupo e comunicado por variados meios, observa-se na foto abaixo os personagens citados por Lucas e como eles divulgaram o skate em Barcelona no ano de 2019.

**Figura 3 – Coletivo Ademafia em Barcelona**



Fonte: Instagram da Ademafia<sup>5</sup>.

Verifica-se na foto um grupo de skatistas com um visual específico, em movimentos que conseguem ser percebidos como espontâneos e livres, transitando pelas ruas de Barcelona, dando a ver as suas especificidades. Se como vimos no início deste capítulo, a pista não conseguiu subir o morro, os meninos skatistas do morro são prática e subjetivamente fortalecidos para existir com as suas características pela cidade. Pensando nisso, será importante entender o papel da escolinha de skate no Morro Santo Amaro e conhecer um pouco mais os principais personagens do coletivo.

---

<sup>5</sup> Instagram: @ademafia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ademafia/>>.

## 1.2 Alguns personagens do coletivo e suas histórias de vida

Os personagens a seguir, fazem parte do coletivo Ademafia desde o seu início. Os dados descritos e suas histórias são fruto da minha experiência e escuta desses personagens. A história oral e participativa e toda a minha percepção durante esses seis anos de convívio estão descritas em um breve resumo sobre eles.

Gabriel Bila, hoje com 26 anos, skatista desde os 8 anos de idade, cria do Morro Santo Amaro, sobrinho de Ademar Lucas, o primeiro membro do coletivo junto com seu tio e Cochi, é um personagem muito importante como skatista nos vídeos e no conteúdo do canal. Desbravando os obstáculos ao redor do mundo, aprendeu a filmar em cima do skate, aprendeu a editar vídeos e hoje é o editor do canal do *Youtube* e de alguns clientes como o Canal OFF (Globosat).

Francisco Guimarães, mais conhecido como “Cochi”, anda de skate por *hobby*, amigo de Ademar desde a infância, iniciou no canal filmando do celular as manobras e editando os conteúdos. Formado em Design pela PUC-Rio, filho de um importante diretor de design da Rede Globo, cresceu como pessoa e como profissional junto do coletivo. Hoje Cochi não faz parte efetivamente do canal, mas continua fazendo parte do coletivo.

Stevie, um personagem que gerou muita comoção, hoje, com o livro publicado *Entre o skate e o tráfico: a história de Anderson Stevie*, onde retrata toda sua história de superação usando o skate como ferramenta social, conseguindo alcançar seus objetivos de vida. Importante citar, que o personagem citado, foi criado em uma comunidade em São Gonçalo-RJ, onde se envolveu com o tráfico de drogas, sendo preso duas vezes. Essa sua inclusão no sistema carcerário o trouxe muitas sequelas emocionais e sociais, mas através do skate e a união de quem quer fazer acontecer, conseguiu impulsionar Stevie a buscar sonhos muitos maiores que antes sonhados.

Marcos, chamado de “Gordinho do Game”, é um personagem ilustre e importante nessa jornada. Um garoto humilde que reside no município de Serra no Espírito Santo, que possui transtornos intelectuais, de coordenação motora e na fala, apaixonado por skate, encontrou no esporte uma maneira de se encaixar no mundo. Através do canal no *Youtube* da Ademafia, ele pode enxergar que tudo seria possível utilizando o skate como ferramenta de intervenção social. Em um *tour* do grupo no Espírito Santo, onde foram cerca de 15 meninos andar de skate, conhecer outro estado e gravar para o canal, esse menino tímido chegou e se aventurou com a *crew*.

Nesse momento, todos abraçaram sua causa e o incluíram no coletivo de maneira a mudar a sua vida. Conseguindo apoio principalmente da Ademafia e Ong Social Skate, patrocínio e amigos, Gordinho, como é chamado carinhosamente por todos, iniciou uma trajetória desafiadora e engajada. Conheceu Barcelona, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e outras cidades e estados através do skate. Conseguiu enxergar um mundo de possibilidades em cima das quatro rodinhas, se desenvolveu como pessoa, desenvolveu sua fala, e sua coordenação motora desafiando todos que um dia já disseram que ele não passava de um “menino burro e retardado”, sim, as pessoas são cruéis e colocam cada vez mais barreiras na vida de quem por si só já nasceu com tantas dificuldades. Hoje ele se tornou um exemplo para muitos que um dia já estiveram no lugar dele, conquistou fãs no mundo todo por sua garra e determinação. Não participa do esporte competitivo, mas o esporte o ajudou a vencer como um campeão na vida.

M.F é um dos personagens que possuem uma história de superação na vida. Nascido e criado no Morro Santo Amaro com sua família, foi preso, menor de idade junto com um grupo de amigos, se enquadrou na estatística cruel da marginalidade carioca. No DEGASE na Ilha do Governador, passou por privações, sem ser o autor do crime, mas como nossas mães dizem “se está junto, leva a culpa também”, e assim, M.F passou alguns meses no sistema prisional e conquistou um emprego de jovem aprendiz no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que por coincidência, se localiza na Praça XV onde sempre andou de skate. Passava todos os dias para trabalhar vendo seus amigos com o skate nos braços, mas tendo a certeza de que essa oportunidade o tiraria de um destino difícil. Conquistou com honra seu emprego com carteira assinada, batalhou e conseguiu subir de cargo no tribunal, com mérito e indicado pela juíza ao qual trabalhou, junto com outros meninos que passaram pelo DEGASE. As regras eram estudar, obedecer a família e se dedicar com disciplina. Feito isso, hoje pode ajudar sua família, andar de skate e construir sua vida, aos 24 anos venceu através do skate e apoio da família, e da Ademafia que conseguiu um advogado skatista para cuidar do caso e tirá-lo do sistema prisional.

C.A é o mais velho do grupo. A história desse personagem é de superação e o skate foi a ferramenta chave. Com uma infância difícil, C.A já foi preso, internado em manicômios, foi usuário de crack e outras substâncias psicoativas, homem negro criado em comunidades da Zona Oeste do Rio de Janeiro, viveu a negligência familiar e social na pele. Sempre andou de skate como uma válvula de escape da vida dura

que tinha, era o momento em que podia sentir o vento no rosto, uma forma de liberdade, pois estar com seus amigos era seu refúgio de paz e alegria. Em 2017 em uma briga no conjunto de prédios onde mora em Realengo, foi surpreendido por um vizinho que o espancou com ferro e madeira, quase foi fatal. Internado em um hospital público, ficou por lá sem visita da família, sem higiene adequada, sem cuidados e contido na maca, pés e mãos presos. Mais uma vez a Ademafia prestou socorro, cuidou, visitou, ajudou, fez ele se sentir vivo, depois de uma cirurgia na cabeça, que o deixou cego de um olho, sem olfato e com problemas na fala. Mais um sobrevivente do coletivo, em que através do skate pode retomar a sua vida aos poucos e sua gratidão o fez mais uma vez se libertar da crueldade e negligência, ele se sentia pertencido a uma nova família. Em setembro de 2019, C.A realizou seu sonho, viajou com o coletivo para Barcelona na Espanha, onde se tornou nessa viagem um personagem importante, mostrando superação em cima do skate e mostrando que mesmo passando por tudo, ele se sentia um vencedor e referência de superação e amor a vida, junto com Gordinho do Game, pelas ruas espanholas agregaram mais valor e exemplo para quem acha que na vida nada é possível.

Dree Beatmaker, um personagem que usou do skate como ferramenta de aproximação da Ademafia. Um menino preto oriundo de Austin, bairro periférico de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, esbarrou com Ademar Lucas em uma de suas andanças pela cidade do Rio de Janeiro e acabou por ganhar dele um skate e sua amizade. Assim, Dree, através do incentivo do pai que sempre atuou como DJ em festas e bailes, foi ao encontro de Lucas no Morro Santo Amaro em busca de um espaço no coletivo e na música. Durante anos, Dree protagonizou a trilha sonora do canal da Ademafia no *Youtube* com seus *beats* e sons marcantes do funk a bossa nova. Hoje, Dree compõe o quadro de artistas revelações na música, alavancando sua carreira até para níveis internacionais unindo-se a artistas fortes no cenário nacional.

### 1.3 O Baile do Ademar: o skate, a manobra e o passinho

No ano de 2009, no aniversário de 18 anos de Ademar Lucas, foi feita uma festa para seus amigos e familiares no Morro Santo Amaro, onde uniu a galera do skate, da escola e do morro. Foi algo que surpreendeu o aniversariante, seus familiares e todos presentes, surgiam pessoas de todos os lugares, convidados, convidados dos convidados, e assim se transformou em um grande evento. E como todo grande evento ao qual não se está preparado para tamanho impacto, não foi só de alegria que essa festa foi marcada, houve briga, tiro para o alto, traficantes intervindo e muita conversa com os mesmos para encerrar a festa em paz. Foi quando tal evento se intitulou: BAILE DO ADEMAR.

No livro recém-lançado *Skate 360: rolés teóricos pelas ruas da cidade* pela Editora PUC, organizado pelo grupo de pesquisa JUX de comunicação da PUC-RJ, foi concedida uma entrevista colaborativa de Ademar Lucas e umas das temáticas de bastante relevância na entrevista é o Baile do Ademar. Lucas cita que o Baile do Ademar nasceu antes da própria Ademafia.

[...] o nosso coletivo, que é onde fazemos vídeos. No meu aniversário de 18 anos, eu andava de skate nessa época, também tava na escola, fiz uma festa pra comemorar os meus 18 anos aqui na minha comunidade, aí eu acabei convidando muita gente do skate que eu conheci nos campeonatos e tudo o mais, praticamente todo mundo da cena. A galera da minha comunidade e também uma galera da escola. Eu fiz uma festa que misturou um monte de gente, que praticamente não se misturava, então o pessoal do morro viu um monte de gente da pista, como eles chamam, subindo o morro pra curtir uma festa... Foi uma parada totalmente diferente e com um público bem diverso por isso, por reunir várias ideias ali na festa. E aí cresceu muito já no primeiro. Eu tive que fazer na pista de skate do Flamengo, no outro ano, e na sequência a gente começou a fazer na Praça XV. (PEREIRA, 2020, p. 145)

Nos anos seguintes, Ademar modificou o local da sua festa de aniversário, descendo do morro para o asfalto, no famoso aterro do Flamengo, onde uma pista de skate local acolheu essa festa que se tornou um evento no cenário do *skateboard* carioca. Passaram-se os anos e as pessoas ficavam ansiosas pelo aniversário de Ademar, que envolvia seus amigos DJ's, dançarinos, MC's, grafiteiros e toda a galera do skate. Assim, nasceu o Baile do Ademar, na Praça XV, cenário histórico para o Rio de Janeiro e para o Brasil, onde está localizado o Paço Imperial, construções e monumentos históricos da época monárquica de nosso país, no coração do Centro do Rio de Janeiro. Em meio a tanta história, o baile chega para começar uma outra

história no local mais querido pelos praticantes e atletas de skate, a Praça XV. No início, o público médio era entre cinquenta e cem pessoas, ao longo do tempo, esse número foi subindo generosamente, aumentando também a quantidade das festas em pouco espaço de tempo. Virou além de mais um conteúdo de entretenimento, tornou-se um negócio, gerando lucro e ajuda financeira para a Ademafia se estruturar ainda mais. Com isso, o baile foi sendo levado para outras cidades do Rio de Janeiro e para outros estados no Brasil. A Ademafia mostra que não existem fronteiras quando se quer fazer algo que deseja.

Ao longo dos anos, com a estrutura do baile mais organizada, e sendo levado a todo canto do país, houve um marco na história do Baile do Ademar, em que o coletivo conseguiu reunir mais de quinze mil pessoas na Praça XV, com shows diversos do universo do funk e hip hop, Mc's, grupos de intervenção artística, dançarinos e todos os familiares e amigos dos organizadores. Em todo baile na Praça XV é feito um *best trick*, que significa, em tradução livre, “melhor manobra”, em que os skatistas competem em diferentes obstáculos e buscam a manobra perfeita, o julgamento é feito por skatistas escolhidos do local e são disponibilizadas premiações do primeiro ao quinto lugar. Esse tipo de competição livre e democrática é algo muito comum no skate em todo mundo. É comum nas praças e ruas do Brasil também.

Esse *start* no Baile, é uma maneira de interagir com a essência de tudo, a rua e os amigos em cima das quatro rodinhas. A liberdade de se sentir pertencente a um grupo e a rua é para o skatista um colo e uma maneira de ser visto e importante. De acordo com Pereira e Azevedo (2018): “A premissa é que o skate é um ‘estilo de vida’ que primeiro modifica a ordem urbana e a subverte depois, criando caminhos alternativos, em um ritmo ora imerso na subjetividade de quem o pratica, ora sincronizado com o caos, por meio da música” (PEREIRA; AZEVEDO, 2018).

Em um trecho da entrevista colaborativa para o livro, Lucas se posiciona e relata sobre o Baile do Ademar 8 anos realizado na Praça XV, onde atingiu um público médio de 20 mil pessoas, algo realmente surpreendente.

A gente colocou um som pra comemorar, aí o pessoal da minha comunidade começou a ir também, o pessoal da minha escola, e o pessoal do skate. E aí todos esses públicos foram crescendo, aí popularizou pra caramba, com um público bem diverso, assim, gente de todas as localidades do Rio, uma das características da nossa festa até hoje, essa ideia de ter gente de tudo quanto é lugar, até acontecer aquele último da Praça XV, que deu mais de 20 mil

pessoas, né? Foi uma multidão de gente, foi o aniversário de 8 anos do Baile. Pelos anteriores, tinha dado 5 mil pessoas, 6 mil pessoas, eu sabia que corria o risco de ir muita gente, se eu fizesse muita divulgação. Como a gente não tinha estrutura, nunca teve apoio de prefeitura, toda licença que precisava fazer, a gente tinha que pagar, vender bebida, alugar banheiro, como ali era o nosso espaço, a gente sempre teve o cuidado de deixar o mais organizado possível. Porque não era um lugar pra dar festa, era um lugar pra andar de skate, a festa acabou vindo depois. Então, em todos os eventos, a gente ia lá na Comlurb, a gente conhecia toda aquela galera que limpava ali, as lixeiras, a gente distribuía pelo local, no final da noite, a gente juntava o lixo ali pra ficar mais fácil pra galera pegar no outro dia. Nesse episódio, aconteceu que essa ajuda, que a gente sempre contava, 146 em cima da hora não foi... a gente foi pego de surpresa. Porque como a cidade tava praticamente quebrada, eles entenderam o evento como sendo um evento privado, só que não, era um evento cultural, era tudo de graça pras pessoas, era uma coisa que a gente promovia pra poder movimentar o Centro. Dar acesso pra muita gente, porque como a gente sempre teve contato com muito artista, a galera abraçava a causa, se apresentava de graça. A gente conseguia ter uma galera se apresentando, onde o ingresso custava 50 reais numa festa, era de graça pras pessoas ali. A gente conseguiu autorização pra fazer a festa, mas como a gente não podia não ter a estrutura pra fazer pra tanta gente, a gente optou por divulgar um dia e meio antes. (PEREIRA, 2020, p. 145-146)

**Figura 4 – Baile do Ademar na Praça XV**



Mais de 20 mil pessoas estiveram presentes no Baile do Ademar na Praça XV em 2018.  
Fonte: Google Imagens.

**Figura 5 – Dançarinas no palco do Baile do Ademar**



Fonte: Google Imagens.

#### 1.4 Bloco “Essa molezinha vai acabar”

Cantarolando a marchinha de carnaval, “Se essa molezinha acabar, olê olê olá, ADEMAFIA! Eu vou chorar”, o coletivo passa pelas ruas do Catete em direção à Praça XV, fantasiados e brincando carnaval. O nome do bloco é uma analogia ao que a população sempre pergunta aos skatistas, se não vão trabalhar e se essa molezinha vai acabar. Mais uma imposição da sociedade, entretanto, a maior característica do coletivo é o bom humor, e assim, nasce um bloco de skatistas para skatistas, amigos de skatista e qualquer pessoa em meio a um bloco e outro, queira apreciar a cultura skateboard carioca. Essa iniciativa do coletivo que agrega a agenda do Carnaval do Rio de Janeiro, onde o bloco tem por objetivo além da diversão e celebração da data, propor mais um evento para skatistas e amantes das manobras na cidade. Em cima dos skates fantasiados, realizando *best tricks* ao longo da passagem do bloco pelas ruas cariocas. Além dessa motivação inicial para a realização do bloco, a inserção da cultura e arte é um marco nessa iniciativa. Artistas circenses, com pernas de pau, malabares, atores e artistas de diversos estilos atravessam o bloco com sua graça e performances estimulando pessoas de passantes a agregarem nessa brincadeira.

Ademafia sempre foi sinônimo de alegria e diversão. O primeiro ano do Bloco foi 2016, em que além de percorrerem as ruas, realizaram brincadeiras e gincanas no Aterro do Flamengo para abrilhantar mais o sentido de um bloco de Carnaval em cima do skate. O Bloco se repetiu no calendário de carnaval até o ano de 2019. Com as questões oriundas da pandemia da COVID-19, essas atividades foram suspensas e aguardam liberação dos Órgãos Públicos de Saúde para retomarem com a alegria que toda época de Carnaval merece.

**Figura 6 – Encontro do bloco na Praça XV**



Fonte: Instagram de Ademar Lucas<sup>6</sup>.

**Figura 7 – Primeiro bloco “Essa molezinha vai acabar” – 2016**



Fonte: Instagram da Ademafia<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Instagram: @luquinhasxv. Disponível em: <<https://www.instagram.com/luquinhasxv/?hl=pt-br>>.

<sup>7</sup> Instagram: @ademafia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ademafia/>>.

**Figura 8 – Skatistas no bloco pelas ruas do Rio de Janeiro**



Fonte: Instagram da Ademafia<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Idem.

## 1.5 Santo Amaro era skatista

Documentário baseado na história de Ademar Lucas, fundador do coletivo Ademafia, onde iniciou sua trajetória no Morro Santo Amaro, no Catete, Rio de Janeiro. O documentário transita por sua jornada desde o início da sua carreira como skatista, até a idealização do projeto da construção de uma pista de skate no morro. Com várias tentativas frustradas na captação de recursos pelo governo, o documentário mostra a dificuldade de o skate subir do asfalto para o morro. A pista ainda não conseguiu subir o morro, mas os espectadores e seguidores do coletivo aguardam por um novo filme, em que se consiga mostrar a construção, o sucesso e a realização desse sonho coletivo e audacioso.

O coletivo Ademafia busca, desde seu surgimento como interventores sociais, skatistas, artistas e colaboradores, levar de maneira orgânica e prática a vivência que o skate e as ruas trouxeram para eles, para as populações das favelas e periferias, mas principalmente para o Morro Santo Amaro. Conquistando seguidores nas redes sociais e no canal do *Youtube*, o coletivo tem como objetivo ativar os locais esquecidos tanto pela sociedade como pelo poder público. Resgatar os marginalizados que, assim como eles, só precisam de oportunidade. Com isso, o Canal OFF, da GloboSat, investiu em projetos audiovisuais para integrar no seu canal televisivo por assinatura e no *Youtube* referências do skate para as próximas gerações no esporte e na cultura de rua. No documentário é retratado sua ida a Berlim, na Alemanha, em 2013 e em 2015, quando conseguiu realizar mais um sonho de levar seu sobrinho Gabriel Bila para visitar o país. Realizar seus sonhos e os da sua família sempre foram o maior desejo de Ademar Lucas.

Este documentário dirigido por Felipe Martins, mostra a realidade cheia de dificuldades para um menino do morro conseguir (DES)pistar a marginalidade social e se desenvolver como ator social após o amadurecimento de suas ideias e suas experiências na comunidade. Com forte influência de seu mentor e apoiador Duca, que relata sua trajetória e como visualizar um talento pelas ruas do Catete, o fez lembrar de quando era criança e surfava pelas praias do Rio de Janeiro e recebeu seu primeiro apoio, que mudou totalmente a sua vida. Assim, fez o mesmo com Ademar Lucas, promovendo então a mudança de perspectiva de um jovem skatista a trilhar sua história no esporte.

O nome *Santo Amaro era skatista* traz consigo um peso muito maior do que a história de um menino da comunidade carioca desbravando o esporte. Traz o peso de toda mudança na história dessa comunidade através de Ademar. Hoje o morro virou um dos picos dos skatistas que vem de fora do estado ou do país para conhecer seus projetos, a história, interagir com a comunidade e, claro, andar de skate. Muitos voluntários se aproximaram da comunidade para promoverem iniciativas culturais, sociais e esportivas, depois que esse filme foi lançado em 2017.

O lançamento do filme foi realizado no MAM (Museu de Arte Moderna) no Rio de Janeiro, local próximo ao Catete com convidados, familiares e amigos.

## 1.6 Ademafia: a pista no morro, reciclando os espaços

O sonho da pista de skate no Morro Santo Amaro é um projeto idealizado por Ademar Lucas, mas é um desejo coletivo. Os membros da Ademafia e simpatizantes da causa pensaram e tentaram juntos a viabilização da pista, mas bateram de frente com a burocracia, com interesses públicos divergentes do projeto. Inicialmente procuraram um terreno no morro para que pudessem sonhar como seria a pista, os moldes, obstáculos e um projeto paralelo de arte, cultura, esporte e lazer para os moradores e visitantes. Seguindo esse desejo, com o intuito da pista subir para o morro, já que os skatistas do morro descem para o asfalto para realizarem suas manobras, procuraram manobrar ideias e passar pelos obstáculos que esse projeto teria adiante. Essa pista que (DES)pista a cidade, fazendo com que os skatistas e artistas subam o morro, crie e gere visibilidade à comunidade, é um projeto real, desenvolvendo novas ideias de diálogo entre o morro e o asfalto de maneira a trazer incentivo e reconhecimento. Essa pista de investigação, de captação, é uma pista antagônica ao skate, e suas nuances e manobras. Necessitam de manobras financeiras, obstáculos e barreiras a serem vencidas com o poder público e privado.

Antigamente ele tinha um sonho, que era comprar uma casa pra mãe dele. [...] Hoje ele tem uns dez mil sonhos, É... um deles, é fazer essa pista no Santo Amaro. Tanto a casa da mãe dele quanto essa pista eu tenho certeza que ele vai conseguir concretizar. (SANTO, 2017)

A arrecadação de renda é um fator decisivo para acontecer o projeto, com isso, Ademar Lucas seguiu um plano de ação para se reunir com a Associação de Moradores e conseguir a permissão para seguir adiante. Reuniões foram marcadas com a Prefeitura do Rio de Janeiro, visitas agendadas e realizadas com as secretarias competentes, mas algumas questões se tornaram dificuldades impostas ao projeto inicial. O terreno era ideal, mas a sua localização inviabilizou a realização de uma obra tão grande. Não havia possibilidade para a entrada dos materiais, teriam que alugar máquinas caras, passando do orçamento que tinham. Um terreno inutilizado continuaria no morro como depósito de lixo, sem possibilidades de reciclarem o espaço para a comunidade. Assim, Ademar Lucas, iniciou diálogos com outras comunidades vizinhas para a viabilização da pista em outros moldes do projeto inicial.

A Associação de Moradores do Morro Azul, no bairro do Flamengo, também na

zona sul do Rio, recebeu Ademar para que ele mostrasse o que queria, mas outra porta se fechou. Sabendo que esse sonho não seria fácil, como todo skatista treinado para cair e levantar, manobrar e se superar, Ademar seguiu a sua busca. A intenção era a pista subir para o morro, a essência do projeto é essa. Ademar Lucas no documentário comenta que:

Tá nas minhas mãos o futuro da próxima geração aqui do morro, o que eu posso fazer, o que eu posso transformar? Eu tenho cem mil inscritos, se cada um desse um real, na teoria eu teria cem mil reais. [...] Eu não tenho grana, mas eu tenho alguns contatos, um pouco de conhecimento e muita força de vontade. E olha o que eu quase consegui fazer? (SANTO, 2017)

O projeto encontra-se engavetado, procurando novos moldes e oportunidades, patrocínios e iniciativas financeiras para a realização da pista. Para reciclar espaços no morro e surgirem iniciativas de ativação social, cultural e esportiva foi apenas necessário disposição para colocar as ideias que antes estavam no papel em ação. Assim, surgiu a Tropinha do S.A.

### **1.7 A escolinha de skate no Morro Santo Amaro e outros projetos sociais: “Na favela tem gente de bom coração”**

Esse projeto nasceu em janeiro de 2020, nas férias escolares, em que o coletivo via a necessidade de proporcionar às crianças do morro uma atividade produtiva e que agregasse valor para elas, com o intuito de: promover atividade física, valores coletivos e esportivos; produzir novos talentos da modalidade, cidadania e tirá-los do ócio e de possíveis influências negativas; e ajudar as famílias que não tinham com quem deixar as crianças devido ao trabalho. Essa iniciativa contou com o apoio da população e de patrocínios importantes para a realização do projeto. Foram doados skates e verba para compra de lanches para os três dias de atividades na semana. Acabaram as férias e o projeto foi tomando corpo, dando sequência e funcionando em horários específicos de acordo com o horário escolar. Os membros da Ademafia realizaram um curso de instrutores de skate antes de iniciarem as aulas e foram devidamente diplomados para realizar o projeto, e com essa capacitação aprenderam didáticas de ensino para cada idade, estratégias pedagógicas para o ensino do skate, comunicação assertiva e outras ferramentas importantes para o projeto.

Conseguiram mais uma vez a colaboração de outros projetos parceiros para viabilizarem um passeio com as crianças, todos com a devida autorização por escrito dos pais, lanche e transporte. Foram para o Rio Matsuri, evento de cultura japonesa, onde havia um espaço adaptado para a prática de skate, puderam contar com a presença do ídolo do esporte Bob Burnquist, que interagiu com as crianças e participou do evento. Após o treino e vivência de skate, entraram no evento e realizaram um sonho que para muitos seria inalcançável, ver os personagens de quadrinhos e filmes de perto, estar perto de uma cultura tão distante para muitos deles, folhear livros, descobrir, se encantar. O skate como ferramenta inclusiva da cultura é um dos pilares desse projeto. Lucas no episódio do canal Ademafia no *Youtube* mostrou para as crianças em um *stand* no evento sobre o surgimento do skate e falou “Ó de onde nasceu o skate, pra quem não sabe ó, skate nasceu do surf pessoal lá na Califórnia, só que assim hoje a gente tá nesse estilo assim, mais solto, esbelto”.

Ao longo do caminho, do Catete para a Barra da Tijuca, algumas crianças relataram nunca ter ido a esse bairro, achavam distante e muitos nunca saíram sequer do entorno do morro. O skate fez de alguma forma essas crianças sonharem, terem esperança, aprenderem a cair e levantar, terem senso coletivo, competição saudável

e muitos ganharam a confiança dos pais para irem para o asfalto andarem de skate com a supervisão dos professores e ganharem as ruas do bairro e participarem do coletivo como projeto de futuro para a comunidade. Devido a pandemia do novo COVID-19, as aulas foram interrompidas e o projeto aguarda a liberação para retornar a escolinha com toda a segurança necessária. Nesse período de pandemia, de paralisação das atividades, surgiu através do incentivo de Sandro Testinha, fundador da ONG Social Skate de São Paulo, a ideia de formalizar as iniciativas da Ademafia. Através dessa formalização surgiu o Instituto Ademafia, que ampliou suas parcerias com outras iniciativas sociais dentro de comunidades como a Casa Amarela do Morro da Providência, o Instituto Bob Burnquist, ONG's da favela da Maré e do Complexo do Alemão. Unindo forças e fomentando atividades e ações sociais mais robustas e estruturadas.

Qualquer tipo de ordem social pode ser representado como uma rede de canais, por meio da qual a busca pelos significados da vida é conduzida e as fórmulas do significado da vida são transportadas. A energia da transcendência é o que mantém a formidável atividade chamada "ordem social" em movimento; ela a torna necessária e possível. (BAUMAN, 2008, p. 11)

A Ademafia sonha e busca a realização não somente do coletivo, mas realizações e conquistas de comunidades carentes, em especial a do Morro Santo Amaro. Projetos e iniciativas do coletivo somam para além da realização imediata, como a "vaquinha" para arrecadação de verba para a distribuição de cestas básicas para o morro, como a "vaquinha" para doação de água aos mais carentes, as festas de natal e dia das crianças, mais a plantação de sementes. O legado da Ademafia é o objetivo. Esse objetivo está sendo alcançado com a realização da pista de skate no morro. Com enxadas na mão, vassouras e muito esforço, o coletivo se uniu para limparem o terreno onde será construído a pista de skate. Toda e qualquer iniciativa e esforço é de cada um que faz parte da Ademafia, para garantir que sonhos se realizem, pois o poder público não oferece subsídios para quaisquer iniciativas que se originam de dentro da favela. "Nós por nós" é o lema do coletivo.

Bauman (2001) diz que "as vidas vividas e as vidas contadas são, por essa razão, estreitamente interconectadas e interdependentes. Podemos dizer, o que é paradoxal, que as histórias de vidas contadas interferem nas vidas vividas antes que as vidas tenham sido vividas para serem contadas [...]". Um dos projetos no qual o

coletivo está envolvido é o Maré Favela Skatepark, em que, através de iniciativas juntas com a ONG da Maré, puderam coletar, por meio de arrecadação financeira coletiva (vaquinhas online) e ajuda de um projeto europeu, fundos para a construção da pista de skate da Maré, com o objetivo de incluir as crianças locais no esporte e na cultura, fomentando o crescimento e desenvolvimento local através de aulas de skate, eventos de cultura e arte urbana e educação. Para esse projeto ser concluído, houve diálogo direto com o tráfico de drogas, a fim de conseguir “permissão” para a construção da pista, com a população local e suas lideranças e o pedido direto de ajuda aos familiares das crianças beneficiadas. No dia da inauguração, foram promovidas gincanas, shows de rap e funk, demonstrações de manobras com os skatistas da Ademafia e colaboradores, lanches para as crianças e distribuição de presentes.

A pista de skate do Morro Santo Amaro, depois de anos de lutas por incentivo público e privado sem sucesso, ainda se encontra sem previsão do início das obras. Esse projeto tem como objetivo desenvolver um espaço de arte, cultura, esporte e educação coordenados pelo coletivo. Esse projeto conquistou incentivos financeiros através da ONG do skatista Bob Burnquist e do projeto desenvolvido pelo coletivo para a GloboSat, levando a construção e reformas de pistas de skate por diversas cidades do Rio de Janeiro, sendo filmado e, por fim, na geração de um documentário sobre essa causa. A Ademafia promove através de seu coletivo projetos que possam ajudar a desenvolver pessoas e comunidades através do esporte, cultura e educação, criando pontes entre comunidades carentes e iniciativas privadas para a realização desses projetos.

O projeto Tropinha do S.A., que é a escolinha de skate no Morro Santo Amaro, está na listagem de projetos da Confederação Brasileira de Skate, sendo reconhecido e registrado como uma iniciativa de mudança e engajamento social nas comunidades do Rio de Janeiro. Através desse projeto, a Ademafia tornou-se uma associação esportiva e cultural, registrada como pessoa jurídica. A realização do projeto da escolinha de skate nasceu para ocupar temporariamente o projeto que não conseguiram realizar da pista de skate no Morro Santo Amaro, ocupando a quadra de esportes da comunidade, adaptando para o uso do skate e outros projetos culturais. Dividindo espaço com outras atividades, como a escolinha de futsal e outros eventos. Com a interrupção de algumas atividades, o coletivo alugou um espaço no bocal, assim chamado o local onde a quadra poliesportiva funciona no alto do morro para o

escritório e espaço multifuncional ser implementado. Nesse espaço é onde são realizados reuniões, edições, bate-papo com as crianças e diversas atividades. Assim, a Ademafia continua buscando parceiros e novas iniciativas para ativação permanente do Instituto.

Com o retorno gradativo das aulas de skate, arte e cultura em meio ao caos da pandemia do COVID-19, foram surgindo novas oportunidades e novas ideias. Como a promoção de cursos com instituições parceiras para moradores do Morro Santo Amaro. Cursos de pintura e manutenção de espaços físicos como muros, prédios e casas, surgindo oportunidade de trabalho para esses moradores que se tornaram parceiros do Instituto. A empresa Converse, patrocinadora do coletivo, promoveu uma ação inovadora convidando Ademar Lucas como curador desse projeto de arte e ativação do espaço no bocal (praça no alto do Morro do Santo Amaro, onde se localiza o Instituto Ademafia e a quadra poliesportiva), e o Kajaman artista grafiteiro e membro do coletivo para desenvolver o projeto e pintar os muros da comunidade. De acordo com o *site* Janela (2020), o jornalista Marcio Ehrlich, a comunidade do Morro Santo Amaro, no bairro carioca do Catete, ganhou um mural pintado pelo artista Kajaman, dentro do projeto City Forest, patrocinado globalmente pela Converse. A ação já foi realizada em 14 países desde 2020 e, no Brasil, teve uma versão em São Paulo, com mural no Minhocão. A ideia é utilizar uma tinta que, garante a Converse, purifica o ar, com cada m<sup>2</sup> pintado equivalendo a uma nova árvore no entorno. No Rio, Kajaman pintou não somente o muro, como casas do entorno na comunidade. Como tudo chegou a 1.064m<sup>2</sup>, a Converse comemora ter garantido o equivalente ao plantio de 1.064 árvores naquela região, que é praticamente desprovida de árvores reais.

Em todas as oportunidades, os artistas têm buscado utilizar temas raciais e homenagear pessoas que quebraram barreiras na região. O projeto no Morro Santo Amaro contou com a curadoria de Lucas Ademar, nascido e criado na comunidade. Lucas escolheu duas pessoas importantes de lá para serem homenageadas: Baiano, um dos primeiros moradores do local, falecido aos 91 anos, e dona Martha, presidente da associação de moradores há dois mandatos e a primeira mulher a ocupar o cargo. O mural do Rio de Janeiro tem o tema “Amor Afrocentrado”, mostrando crianças representando as gerações que surgiram a partir dos homenageados. (EHRlich, 2020)

**Figura 9 – Muros pintados por Kajaman e colaboradores locais**



Muros da comunidade do Morro Santo Amaro pintados por Kajaman e colaboradores locais.

Fonte: Janela Publicitária<sup>9</sup>.

Outro projeto em meio a pandemia foi o Rango Lango, Lucas e sua família abriram a cozinha de sua casa para cozinhareem quitutes com referências nordestinas de seus pais, Seu Ademir e Dona Socorro, aos quais eram os cozinheiros desse projeto, para gerar renda para os projetos do coletivo. Assim, mobilizando toda a família para realizar e organizarem os pedidos, fazerem as compras e entregas. Foi um sucesso na cidade do Rio de Janeiro, abrangendo diversos bairros e localidades da cidade, agregando valor ao contexto familiar tão presente nesse coletivo, gerando conteúdo para o canal e para as redes sociais, mostrando desde o preparo das refeições as entregas, aliado a isso, foram realizados doações de quentinhas para pessoas em situação de rua e vulnerabilidade, através de contribuições dos fãs do canal, em que compravam as quentinhas e enviavam bilhetes contendo mensagens de carinho para quem tanto precisa. Um momento de se reinventar em meio a pandemia, onde projetos ficaram inativos e os rolés de skate paralisados. No projeto em parceria com o grupo de pesquisa JuX: Juventudes cariocas, suas culturas e

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.janela.com.br/2021/03/03/converse-leva-kajaman-a-pintar-mural-no-morro-santo-amaro/>>.

representações midiáticas da PUC-Rio, para a realização do livro *Skate 360º: rolés teóricos pelas ruas da cidade*, Lucas concedeu uma entrevista para compor o último capítulo do livro e que até aqui, também nos ajudam com referências, entre outras colaborações na obra. Também em parceria com esse projeto e o Canal OFF, as crianças do Instituto Ademafia fizeram desenhos com o objetivo de através da arte demonstrar o que o skate significa na vida delas, como agente transformador. No Instagram do grupo de pesquisa, eles escreveram que o Projeto Rodas/@canaloff apoia uma ação social na favela de Santo Amaro, no Catete, que promove a inclusão através do skate. No espaço cultural da comunidade as crianças desenvolvem esperanças e planos de futuro por meio da leitura, do estudo, esporte e lazer. O projeto consistiu na venda dos desenhos e o comprador/incentivador recebia em casa o livro *Skate 360º: rolés teóricos pelas ruas da cidade*, o valor foi revertido para apoiar o Instituto Ademafia.

**Figura 10 – Projeto Rodas/Canal OFF**



Fonte: Instagram @jux.grupodepesquisa<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Instagram: @jux.grupodepesquisa. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jux.grupodepesquisa/>>.

**Figura 11 – Foto da campanha para a ação coletiva em prol do Instituto Ademafia**



Imagem contém alguns desenhos feitos pelas crianças da Tropinha do S.A. Fonte: Instagram @jux.grupodepesquisa<sup>11</sup>.

Dentre inúmeras ações no Instituto Ademafia, seja cultural, socioeducacional ou esportivo, em um ano em que o skate foi inserido nas Olimpíadas, juntamente com sua principal parceira a ONG SOCIAL SKATE de São Paulo e seus diversos voluntários e colaboradores, no dia 05 de agosto de 2021, após o encerramento da participação do skate com 3 medalhas de prata, a Tropinha do S.A. participou da primeira Olimpíada do Instituto Ademafia. No Instagram do instituto<sup>12</sup>, Ademar Lucas se manifestou:

Ontem rolou as Olimpíadas do @instituto\_ademafia no Santo Amaro, evento pra comemorar a estreia do skate nas Olimpíadas e o desempenho dos nossos compatriotas, que por sinal representaram muito. Como vcs podem perceber, as crianças se divertiram muito com o dia de atividades especiais, quem estimulam não só a performance, mas valores importantes, como o espírito do trabalho em equipe, que é muito comum nas sessões de skate, mas se encontra completamente ausente no dia a dia da sociedade. Esse foi mais um projeto simultaneamente realizado em parceria com a @ongsocialskate. Gratidão a toda equipe e colaboradores que fizeram mais esse sonho realidade, nossas crianças merecem o melhor.

<sup>11</sup> Instagram: @jux.grupodepesquisa. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jux.grupodepesquisa/>>.

<sup>12</sup> Instagram: @institutoademafia. Disponível em: <[https://www.instagram.com/instituto\\_ademafia/](https://www.instagram.com/instituto_ademafia/)>.

**Figura 12 – Crianças da Tropinha do S.A.**



Fonte: Instituto Ademafia<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Instagram: @institutoademafia. Disponível em: <[https://www.instagram.com/instituto\\_ademafia/](https://www.instagram.com/instituto_ademafia/)>.

## 2 SKATE EM MANOBRAS MARGINAIS

Sou uma mulher branca, de classe média, ex-atleta profissional, que teve oportunidade de morar na Europa, de estudar em escolas particulares e ter oportunidades de acesso ao lazer e a cultura, a princípio, ocupo um lugar de privilégio e reconheço tal lugar. Meu companheiro Gabriel Bila, membro da Ademafia, é um homem preto, favelado e skatista. O preconceito em torno desse vínculo é vivido até hoje, e por esse motivo existe dentro de mim, como ser humano e profissional da psicologia, um olhar diferenciado sobre esses indivíduos que buscam através do skate uma vida melhor. Eles e elas encontram nas manobras e no vento no rosto a liberdade que seus corpos nunca antes tiveram, mas, mesmo assim, dividem a ideia de poder manobrar, com as marginalidades para além de suas escolhas, mas por suas existências. Os skatistas como indivíduos excluídos e marginalizados socialmente, não oferecem ao senso comum uma imagem estética daquilo que se encaixa em uma normativa social. Essa imagem estética dialoga com a liberdade de expressão e a cultura do skate nos espaços, como a música muito presente desde as sessões de rua aos vídeos de skate. A música e a roupa para o skatista motivam, inspiram e fortalecem o vínculo com a cultura e sua tribo.

Já marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade e possui, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinquente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, e tem como sinônimo o adjetivo marginalizado. (PERLMAN, 1977 *apud* NASCIMENTO, 2009, p. 37)

A sociedade reproduz que a educação é a solução dos problemas sociais, econômicos e de relações interpessoais e na cidade. Porém, a incessante busca por direitos da população nos dias de hoje se faz presente e o skatista busca através do esporte e ativação urbana, espaço e respeito na cidade. O skatista utiliza a cidade como modo de expressão popular, transformando manobras em arte. Mesmo com toda a tecnologia, mídia e exposição da modalidade, hoje o skate sendo olímpico, atingindo notoriedade como todos os outros esportes, a sociedade procura retroceder no que diz respeito aos sistemas marginais da população. Vargas e Coelho (2018) trazem uma análise do livro *O elogio da beleza atlética* de Gumbrecht, composto por

inúmeros paradigmas da sociedade acerca do esporte e sua estética em grande parte marginal, a impressão distorcida da elite da sociedade mundial sobre o espetáculo esportivo, relevando questões ideológicas e políticas recortando o esforço, dedicação e trabalho dos atletas, empobrecendo os valores implicados em cada modalidade. Destacando que, um dos conceitos que surge na obra diz respeito à “insularidade da experiência estética”, que arriscaríamos comparar com a ideia de fluência (*flow feeling*), desenvolvida no campo da Psicologia do Esporte. Trata-se de uma espécie de “desconexão” que os esportistas mais competentes conseguem realizar em relação às pressões externas. Michael Jordan dizia que seus melhores jogos eram aqueles nos quais parecia que não existia nada no mundo além do basquetebol. Enfim, é uma espécie de total absorção na atividade, na qual nada mais parece importar a sua volta.

O pesquisador sustenta que a classe intelectual deve aprender a encarar o esporte como algo belo para conseguir elogiar-lo. Faz também comparações criativas e instigantes do espetáculo esportivo com obras de arte consagradas através dos tempos, como as sinfonias de Beethoven, por exemplo, ironizando os próprios intelectuais da alta cultura a favor do esporte, que é muitas vezes entendido por este grupo como uma espécie de “a mais bela marginalidade da vida” (afinal, como ele argumenta, ninguém chamaria uma sinfonia de Beethoven de marginal). (VARGAS; COELHO, 2018)

Descer o morro de skate no pé não é fácil, abrir caminhos pela cidade em cima das quatro rodinhas muito menos. O *street* skate proporciona essa visão da cidade, entre ônibus, carros e pedestres, oscilando a velocidade, pegando carona do caminhão de lixo, faz da rua a casa do skatista. Quem ganha no skate é quem faz a melhor manobra, é quem tem coragem de seguir o *flow*, o fluxo da rua.

Dessa recente ocupação, novos lugares se formaram na Praça na medida em que ela concatenou formas divergentes de consumo e vivência desse/nesse espaço da cidade. Dentre essas formas, percebe-se a Praça como palco para eventos; como um nó dentro do circuito de consumo cultural e boêmio da cidade; como “pico” de skate; e como “vizinho problemático” para os apartamentos localizados em seu entorno. (SILVA, 2015)

Essa ocupação transitando com habilidade pela ordem institucional e o diálogo com as desordens do mundo empírico, principalmente entre periferias e grupos invisibilizados, traz o entendimento de que levar a pista de skate para o morro, romperia o engarrafamento da cidade por suas manobras arriscadas e marginalizadas. Traria visibilidade a um fragmento da cidade que importa do morro

para o asfalto grandes talentos dessa modalidade esportiva. A ativação do morro com benfeitorias locais, viabiliza não só aos moradores, mas a cidade de usufruir de multiculturas que vivenciam o mesmo espaço urbano, trazendo um fluxo de informações, de pessoas e culturas totalmente relevante para a construção de cidadania e respeito a um sistema negligenciado e invisibilizado. Lefebvre (2001) diz que, é quase evidente na sociedade dita moderna, a simultaneidade se intensifica, se densifica, e que as capacidades do encontro e da reunião se consolidam.

A Ademafia transita pelo sistema marginal e todas as marginalidades como: periferia, favela, raça, música, vestimenta, skate, entre outros. Mas, para além desses estigmas sociais, o que antes era marginal no asfalto, se tornou protagonismo no morro. Podemos destacar como uma das marginalidades, a musical. O rap como será citado nessa dissertação, atravessa suas letras aos recortes situacionais periféricos, como o cotidiano, a violência e a potência da periferia e favela. Os Racionais Mc's cantam muitas poesias escritas em presídios e favelas. Composições com tons de protesto e ao mesmo tempo de desabafo.

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia. Que sobrevivem em meio às honras e covardias. Periferias, vielas, cortiços. Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso? Desde o início por ouro e prata. Olha quem morre, então veja você quem mata. Recebe o mérito, a farda que pratica o mal. Me ver pobre, preso ou morto já é cultural. O dinheiro tira um homem da miséria. [...] Mas não pode arrancar de dentro dele a favela. São poucos que entram em campo pra vencer  
A alma guarda o que a mente tenta esquecer. (BROWN, 2002)

Podemos citar a arte marginal como grafites e artes urbanas, a dança como o passinho do funk e as danças de rua, as roupas dessa tribo, a cultura, o modo de falar característico, entre outros.

Gíria é qualquer conjunto de termos ou frases coloquiais que os falantes usam para estabelecer ou reforçar a identidade ou coesão social dentro de um grupo ou como uma tendência ou moda na sociedade em geral. A existência de vocabulário desse tipo dentro da linguagem é possivelmente tão antigo quanto a própria língua, pois as gírias parecem fazer parte na interação comum por uma comunidade grande e diversa o suficiente para ter grupos distintos identificáveis. (PEREIRA, 2020, p. 133)

Neste mesmo capítulo do livro, algumas gírias são apresentadas e seus significados.

**Tabela 1 – Gírias-código**

<b>Gíria</b>	<b>Significado</b>
Baia	Moradia
Basudo	Skatista ruim
<i>Best tricks</i>	Exibição e/ou disputa da melhor manobra no skate
Dar um aéreo	Deixar o skate no ar
Ganguero	Cara que se veste com roupa larga
Jam	Reunir a galera para andar de skate
Larica	Fome
Maria Rolante	Garotas que só vão na pista para paquerar
Migué	Mentira
Sk8	Skate
Skatéte	Pessoa (cara) que se veste como skatista, mas não pratica
Skateiro	Quem pratica skate
Tomar vaca	Levar um tombo
<i>Tricks</i>	São manobras realizadas no skate que variam de forma e grau de dificuldade
Tru	Abreviação de “truta”

Algumas gírias ressignificadas a partir de palavras preexistentes:

**Tabela 2 – Gírias ressignificadas**

<b>Gíria</b>	<b>Significado</b>
Animal	Radical
Banca	Grupo de amigos
<i>Brother</i>	O mesmo que amigo, cara ou mano
Cair a ficha	Entender algo
Cara	Amigo, outro skatista ou alguém
Carniça	Pessoa que só atrapalha

Carrinho	Skate
Carteado	Skate
136 colar	Chegar; aparecer
<i>Crew</i>	Grupo de amigos que praticam, dão rolé juntos
Fazer <i>session</i>	Sair para andar de skate
Fazer barulho	Se destacar; chamar atenção
<i>Freestyle</i>	Andar em uma pista sem obstáculo, pista livre
Gralha	Pessoa chata, o mesmo que prego
Picos	Lugar, ponto de encontro
<i>Point</i>	Ponto de encontro
Silk	Desenho estampado (ex.: meu skate é silkado)
Tá ligado?	Tá bom?; Tá ok?; Tá sabendo?; Sabe?
Tacar	Fazer; praticar
Truta	Amigão

Algumas gírias que atribuem um julgamento de valor a algo ou alguém:

**Tabela 3 – Gírias de julgamento**

<b>Gíria</b>	<b>Significado</b>
Aloprado	Zuado
Banzo	Idiota
Brecha	Mancada
Bico sujo	Cara chato
Caô	Mentira
Casca	Difícil; ruim
Embaçar	Atrapalhar
Gafanhoto	Pessoa que faz tudo errado
Gringo	Skatista que não anda de skate direito (quase o mesmo sentido de “basudo”)

<i>Hardcore</i>	Lugar barra pesada
Mano	O mesmo que amigo, cara ou <i>brother</i>
Minas	O mesmo que meninas
Nipe (naipe)	Quando o cara está todo arrumado
Osso	Ruim
Piriguete	Menina atirada
Quebrada	Região perigosa; ruim de andar
Skateata	Manifestação coletiva de skatistas; reivindicar ou protestar
Topeira	Imbecil; atrapalhado
Tosco	Péssimo; horrível
Treta	Problema; briga
Vacilão	Trouxa
Zé ninguém	Insignificante

A linguagem marginaliza e o comportamento é sempre excludente. Nessas olimpíadas está sendo um marco da desmistificação dessa marginalidade, quebrando paradigmas e abrindo o mundo para novas possibilidades.

A linguagem é um desses poderosos cimentos sociais que, tal qual os obstáculos construídos nas praças do Brasil, serve para demarcar um lugar, mas também desviar, desafiar, divertir, transgredir e provocar tropeços nos incautos sujeitos comuns que passam desconfiados pelo skatista da cidade. E nem tem por quê: skatista é tudo sangue bom! (PEREIRA, 2020)

## 2.1 Skate: da marginalidade à olimpíada

**Figura 13 – Uniforme do Skate Olímpico – Tóquio 2020/2021**



Fonte: Google Imagens.

Uma das discussões acerca da vestimenta no skate foi sobre o padrão olímpico imposto aos atletas que estrearam na Olimpíada de Tóquio em 2020/2021. Em que, pré-definiram e uniformizaram os atletas de maneira a dividir opiniões. Pois o *skateboard* possui uma natureza livre, sem uma imagem estética padrão uniforme. Até a Olimpíada em 2021 foi muito discutido no meio de atletas e equipes esse tópico de extrema importância para os praticantes. Esse uniforme foi escolhido e desenhado por um estilista estrangeiro. Primeiro modelo para a disputa dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021, sendo bastante discutido entre os skatistas e organizações.

Nas imagens a seguir (Figuras 14 a 16), três medalhistas de prata na Olimpíada de Tóquio 2020/2021, Rayssa Leal de apenas 13 anos de idade, que fez história no esporte brasileiro por ser a atleta mais jovem a competir e a ser medalhista no *street*, da cidade de Imperatriz no Maranhão, local em que o skate não possui tradição e incentivo, e há poucas áreas para treino nas ruas, Kelvin Hoefler, medalhista de prata no *street*, que foi criado em cidade pequena no litoral de São Paulo e participou de projetos sociais e Pedro Barros, de Florianópolis, medalhista de prata no skate *park*,

com um discurso potente após subir ao pódio, dando ênfase sobre a visão marginal do skate no Brasil e foi o esporte que trouxe mais medalhas para o país.

Essa bandeira, as vezes o Brasil pode estar sendo visto de cabeça para baixo, sabe? Mas, essa história do park, do skate nas Olimpíadas, sei lá, a minha história. É só para servir de exemplo pro povo brasileiro, que está na nossa mão. Depende da gente realmente pra construir, fazer desse lugar que é nosso País, que é tão belo, tão bonito por natureza, um País melhor. E com amor, união e respeito, a gente consegue, sabe? Pode ser difícil, a batalha pode ser dura, a gente cai várias vezes no chão, mas a missão é essa, ver um amanhã melhor. E é pra isso que a gente tá aqui. (BARROS, 2021)<sup>14</sup>

Ambos representando o Brasil e desmistificando a marginalidade do esporte que foi o estreante em Jogos Olímpicos e o primeiro que trouxe medalhas para o país. Interessante essa discussão tão atual, em que esportes como o surf, que foi a primeira medalha de ouro do Brasil nessa Olimpíada, e uma medalha histórica, com o atleta Ítalo Ferreira, esporte também estreante nas Olimpíadas, que vieram com o objetivo de atrair os jovens para os esportes e foi muito além disso.

O *site* R7.com em sua coluna dedicada aos Jogos Olímpicos<sup>15</sup>, após essas medalhas históricas, procurou o Instituto Ademafia para uma entrevista, em que estão procurando quem faz pelo esporte, projetando em suas iniciativas novas Rayssas e Kelvins no cenário atual. A matéria intitulada “Projetos sociais veem no skate uma ferramenta de transformação social”, ganhou a página do *site* da Record em que procuraram dar voz as pessoas que estão trabalhando em busca de um futuro melhor para suas comunidades através da modalidade.

Foi muito irado ver as crianças torcendo não só para o Brasil, mas também para o skate. Deixamos claro para elas que era uma conquista do nosso esporte e que o mundo inteiro estava vendo. Agora as empresas podem ver o skate com potencial de transformação e vão poder somar, existem projetos como o instituto em várias comunidades pelo Brasil”, destaca Ademar. (CONRADO, 2021)

---

<sup>14</sup> “A gente vem lutando a nossa vida inteira”, Pedro Barros comemora conquista da prata no skate park - Olimpíadas de Tóquio. Entrevista concedida a Tv Globo. Tóquio, 2021. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9742606/?s=0s>>. Acesso em: 05 ago. 2021. Transcrição pela autora.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://esportes.r7.com/olimpiadas/projetos-sociais-veem-no-skate-uma-ferramenta-de-transformacao-27072021>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Ademar Lucas (2021) em sua rede social<sup>16</sup> acrescenta: “Sempre acreditamos no skate como uma ferramenta de transformação. Agora sendo visto como um esporte olímpico, possa potencializar nossas ações e de milhares de projetos espalhados pelas periferias do Brasil e do mundo”. O Canal OFF, em suas redes sociais aproveitou a surpreendente estreia do skate nas Olimpíadas para realizar uma postagem no Instagram (2021)<sup>17</sup> enaltecendo os projetos sociais presentes no país e em especial o Instituto Ademafia, a partir da conquista da medalha de prata de Rayssa Leal, a fadinha do skate:

Dos contos de fadas para a realidade. A conquista da nossa pequena gigante @rayssalealsk8 inspirou o Brasil e o mundo. Como aproveitar a energia desse momento para ajudar as próximas gerações de skatistas? Aqui no Canal OFF, a gente sabe que o skate é uma poderosa ferramenta de transformação social. Por isso, compartilhamos histórias como a construção colaborativa do skatepark do Complexo da Maré, no documentário #UmaPistadeEsperança dirigido pelo @ronaldo\_land e iniciativas como o projeto Tropinha do S.A., da @ademafia e do @luquinhasxv, que dá aulas de skate para as crianças da comunidade Santo Amaro, aqui no Rio. Mas queremos expandir essa corrente e contar mais histórias de coletivos e iniciativas pelo Brasil. Juntos, podemos levar o skate para mais crianças e abrir novos horizontes, sonhos e oportunidades.

**Figura 14 – Kelvin Hoefler medalha de prata na Olimpíada de Tóquio**



Fonte: Google Imagens

---

<sup>16</sup> Instagram: @luquinhasxv. Disponível em: <<https://www.instagram.com/luquinhasxv/?hl=pt-br>>.

<sup>17</sup> Instagram: @canaloff.

**Figura 15 – Rayssa Leal medalha de prata na Olimpíada de Tóquio**



Fonte: Google Imagens

**Figura 16 – Pedro Barros medalha de prata da Olimpíada de Tóquio**



Fonte: Google Imagens

Nas redes sociais muitos skatistas se manifestaram. Vitor André (2021)<sup>18</sup>, skatista de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense e amigo dos membros da Ademafia, destaca: “Aê seus policial, agora que nós é herói olímpico, será que tem como vocês parar de dar tapa na cara da gente só porque a gente tá andando com o skate embaixo do braço? Se tiver como, a gente vai ficar feliz e agradecido”. Bruno Tissot (2021)<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Instagram: @ovitorandre.

<sup>19</sup> Instagram: @bruno\_tissot.

no Instagram acrescentou um comentário em uma postagem da Ademafia:

Mais do que nunca os holofotes estão em vocês. Agora esse trabalho irado que fazem vai ser ainda mais alavancado. A sociedade vai entender a importância de iniciativas como esta. O skate sempre transformou, mas não tinha a visibilidade necessária. Este tempo passou e não volta mais. Como vcs dizem.... Só o Skate Salva! Parabéns.

O skate como esporte olímpico na atualidade, traz para a modalidade um respiro de alívio, uma luz na caminhada de uma modalidade esportiva que mostrou nessa Olimpíada o grande *life style* que é viver sobre as quatro rodinhas. A alegria, cair e levantar, torcer pelo adversário, valores nobres que hoje em dia tanto no esporte como na sociedade foram esquecidos, o *fair play* em sua totalidade que representa os valores olímpicos disseminados a anos. Hoje no Brasil vivemos tempos políticos difíceis, em que iniciativas aos atletas brasileiros é deficitária e grandes nomes do esporte brasileiro vieram de projetos sociais. Desde o início desse governo, foi extinto o Ministério do Esporte, havendo um desmonte nos incentivos como a Bolsa Atleta e diversas ações em prol da formação esportiva e apoio aos atletas profissionais. A Secretaria Nacional de Esportes hoje pertence ao Ministério da cidadania.

## 2.2 Moda e skate

Nesse estilo de vida, a moda está incorporada na atitude, na referência, na postura e na identidade desse ou dessa skatista. Moda e skate são sinônimos, se completam, fazem nascer a postura de quem pratica a modalidade, é o nascer e crescer de uma identidade forte, que acompanhada da música e toda a cultura de rua fazem um skatista ser mais que um atleta, um indivíduo que leva para onde for sua origem e cultura enraizados fortemente em toda plasticidade envolvida.

No Brasil, um dos primeiros grupos que tiveram marca de roupa voltada para o skate foi a galera do Dirty Money, de 1992. No documentário de nome “DIRTY MONEY – A Geração do Skate”, que conta a história sobre a geração dos anos 90 que originou o vídeo com o mesmo nome do documentário, os participantes contam que fizeram roupas que davam a cara daquela geração: camisetas e calças gigantes. Presentes no documentário, Fabio Cristiano diz que “parecia uma melancia” e Alexandre Ribeiro afirma que “uma calça daquelas cabia quatro pessoas magras dentro”. Alê Vianna afirma que com aquelas roupas eles queriam “ser contracultura”. Robson Reco completa dizendo que (o jeito de se vestir) “foi uma coisa que ficou marcada na época”. (TMTALK..., 2020)

Outros grupos de skatistas se identificam com a cultura punk/rock, usando roupas mais justas, pretas e cabelos longos, sendo uma identidade adotada inspirada nos anos 80. Essa década foi muito importante na cultura do *skateboard*, pois eram tempos mais modernos, com diferentes acessos ao skate e o surgimento de outras modalidades dentro do esporte, como: *street*, *park*, *half pipe*. Eram tempos em que os jovens tinham uma ligação com o rock e o movimento punk muito presentes, cabelos moicanos, coloridos e altos, roupas justas pretas, correntes, *piercings*, atitude agressiva, porém progressista com a sociedade conservadora, e cada vez mais sofriam repressão e agiam de maneira anarquista nas ruas. O começo da pichação, grafite, stencil e gráficos nos muros das cidades, marcação de território, ligado a muita bebida alcóolica e radicalismo. Esse movimento evidenciava a questão da automarginalidade no seu comportamento, além das marginalidades sociais impostas, esses grupos lutavam por uma sociedade com mais liberdade de expressão, com isso, se juntavam em grupos para se sentirem menos expostos a violência do sistema e suas opressões.

Para se andar de skate não basta um skate nos pés, mas tudo que envolve a cultura do esporte chamado de “estilo de vida”. O estilo de vida incorporado na

identidade dos skatistas, traz consigo a música, a vestimenta, os ideais, o senso de coletividade e o companheirismo com os colegas, a busca pela liberdade e a transgressão de regras impostas pela sociedade. Para Giancarlo (2012) *apud* Machado (2014), os skatistas compartilham gostos musicais e por consequência compartilham jeitos de se vestir, e desse jeito se agrupam dentro de suas características e ideias: “[...] *skatepunks*, gangueiros e rastas são algumas das várias representações nativas que levam em conta as músicas ouvidas e roupas usadas” (MACHADO, 2012). Nesse estilo de vida, a moda está incorporada na atitude, na referência, na postura e na identidade desse ou dessa skatista. Moda e skate são sinônimos, se completam, fazem nascer a postura de quem pratica a modalidade, é o nascer e crescer de uma identidade forte, que acompanhada da música e toda a cultura de rua fazem um skatista ser mais que um atleta, um indivíduo que leva para onde for sua origem e cultura enraizados fortemente em toda plasticidade envolvida.

Com o passar dos anos, o skate culturalmente foi se fortalecendo, criando diferentes perspectivas e adaptações de acordo com as décadas, gerações e influências. As roupas são uma marca registrada: calças largas e caídas, cordão de tênis prendendo a calça (não se usa cinto em sua maioria), um tênis batido, boné e camisa larga ou camisetas brancas bem coladas, dreads no cabelo, tranças e *black power*. É a cultura do rap exposta nesses corpos, imprimindo uma identidade autêntica e fiel aos anos 90 nos Estados Unidos e suas características. O gueto nova-iorquino, as brigas de gangues, a negritude, os movimentos negros, a música negra do *soul* ao rap eram muito presentes nessa década. Ser gângster nos anos de 2020 é ser respeitado na rua, não é fazer parte de uma gangue, mas é ser fiel a cultura do rap, fiel a rua, e principalmente fiel a cultura dessa década. Isso influencia até no jeito de realizar as manobras, com estilo e com atitude. Nessa década houve o surgimento do funk no Brasil, nas favelas e periferias, onde o boné com a aba reta também dizia alguma coisa, era característica cultural de algum lado, ou seja, lado A ou lado B.

Esses lados surgiram nos bailes funks de briga, onde esses se caracterizavam por regiões ou facções (gangues). Todo esse contexto representante da periferia era marginalizado em sua estética global. O cabelo raspado, bigode fino, cordões de ouro ou prata no pescoço eram características desses grupos e desse movimento cultural, respeitado até hoje no *skateboard*, sendo copiado também por indivíduos não oriundos da periferia, mas fazendo referência a década mais gângster de todos os tempos. O rap americano, traz em suas letras a referência da vida do gueto, a vida

marginalizada, aos pobres, favelados e pretos. Ambas as características são vistas como marginais por não oferecerem uma imagem estética ao qual o senso comum normatiza. Os vídeos de skate até hoje possuem referência dessa década, em que a rua era vista como escola, como patrimônio, como estilo de vida. Uma essência cultural que permanece nos becos e vielas nas cidades. A Ademaquia possui uma característica muito plural, porém, em todo seu estilo artístico, musical, de se vestir e suas atitudes possuem referência direta a década de 1990, do funk ao rap, a verdadeira essência carioca.

**Figura 17 – Mulheres de skate nos anos 60**



Mulheres de skate nos anos 60, com roupas clássicas da geração. Fonte: Google Imagens.

**Figura 18 – Jovens andando de skate em piscinas abandonadas nos Estados Unidos**



Jovens andando de skate em piscinas abandonadas entre a década de 60 e 70 nos EUA. Fonte: Google Imagens.

**Figura 19 – Skate nos anos 60 nos Estados Unidos**



Jovens de skate pelas ruas da Califórnia entre as décadas de 60 e 70.  
Fonte: Google Imagens.

**Figura 20 – Life style punk**



Jovens pichando dizeres e símbolos anarquistas nos anos 80.  
Fonte: Google Imagens.

**Figura 21 – Movimento punk nos anos 80**



Fonte: Google Imagens.

**Figura 22 – StreetWear**



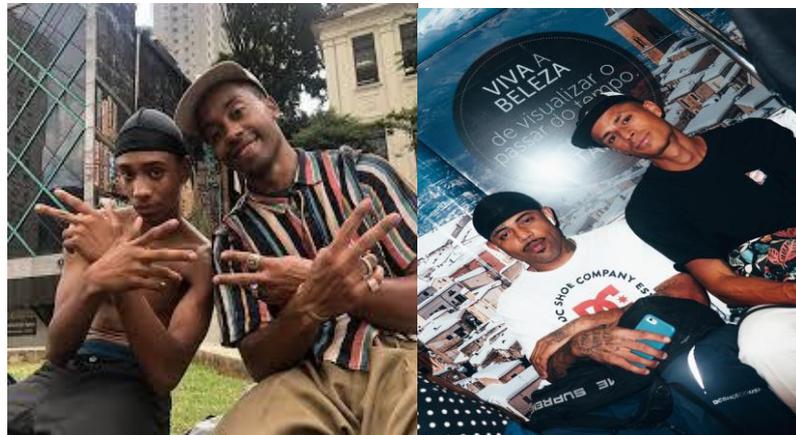
Fonte: Google Imagens.

**Figura 23 – Movimento punk**



Jovens se reunindo para andar de skate nos anos 80.  
Fonte: Google Imagens.

**Figura 24 – Skatistas vestidos com estilo rap**



Membros da Ademaфия vestidos com o estilo rap/gângster com referência aos anos 90. Fonte: Arquivo Ademaфия.

**Figura 25 – Gabriel Bila que mistura os estilos do Rap e do Funk**



Fonte: Arquivo pessoal de Gabriel Bila.

**Figura 26 – Jovens nos anos 90 e o skate**



Fonte: Google Imagens.

## 2.3 Música e skate

Para os atletas de quase todos os esportes, a música é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de questões ligadas à sua mente e ao seu comportamento. A música é utilizada como ferramenta de concentração, relaxamento, inspiração e rituais pré e pós competitivos. Um exemplo de esporte que utiliza a música como instrumento principal é a ginástica olímpica e artística, a coreografia é uma extensão da música e o *flow*<sup>10</sup> e suas batidas são orgânicas ao desempenho. Pereira (2020) cita que na física o movimento é resultado da variação da posição de um objeto dentro de um intervalo de tempo, em relação a um ponto inicial. Por sua vez, a palavra ritmo vem do grego *rythmos*, que significa “movimento regular”, ou, ainda, uma sucessão de tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos periódicos (HOUAISS, 2009). O movimento do *skateboarding* é quase imprevisível: há continuidades, descontinuidades, acidentes, quedas. Há, também, ritmos, os quais são marcados pela presença da música na prática do skatista.

Para o skate, a música está para além de coreografias, batidas e *flow*. A música traz consigo importantes aspectos da personalidade do skatista, o atleta dessa modalidade, se veste, vive, fala e se comporta de acordo com o estilo musical que ele se identifica. Para além dessas características, o skatista utiliza em seus vídeos e nos rolés a música para inspirar e vivenciar de acordo com o local que se encontra manobrando, para marcar sua identidade e sua tribo.

A música, para o skatista, é uma espécie de narrativa que proporciona não somente concentração e ritmo à sua performance, mas também uma espacialidade outra, talvez a da subjetividade, através da qual a cidade é incorporada, ou seja, culturalmente absorvida pelo corpo. [...] Numa camada, o que se inscreve no texto da ordem da cidade é o seu corpo; a música, porém, se inscreve nesse corpo urbano, numa outra camada. A narrativa da música inscrita no corpo caminhante do skatista traz subjetividade, mas também estabelece vínculos identitários coletivos. A experiência explica: quem é do "flow do rap" faz manobras mais lentas e precisas; quem é do "flow do rock" realiza manobras mais velozes e aéreas; e quem é do "flow do punk" se arrisca em movimentos mais "sujos" e radicais. (PEREIRA; AZEVEDO, 2018)

Pereira (2020) ainda ressalta que a premissa do skate é um “estilo de vida”, que primeiro modifica a ordem urbana e a subverte depois, criando caminhos alternativos, obstáculos e atalhos, impondo seu próprio ritmo ao movimento urbano, um ritmo ora imerso na subjetividade de quem o pratica, ora sincronizado com o caos, por meio da música. Assim, a música é, nesse contexto, considerada uma forma de

comunicação entre o sujeito urbano e a cidade.

## 2.4 Rap

De acordo com Ramos (2020), o termo RAP significa Rhythm And Poetry (ritmo e poesia). O rap surgiu na Jamaica na década de 1960. Este gênero musical foi levado pelos jamaicanos para os Estados Unidos, mais especificamente para os bairros pobres de Nova Iorque, no começo da década de 1970. Como um ritmo dos guetos, dos pretos, dos latinos, que dialoga diretamente com as marginalidades, o rap através dos anos foi ganhando espaço. Segundo Ramos (2020), do *site* Sua Pesquisa, diz que o rap surgiu no Brasil em 1986, na cidade de São Paulo. Os primeiros shows de rap eram apresentados no Teatro Mambembe, pelo DJ Theo Werneck. Na década de 80, as pessoas não aceitavam o rap, pois consideravam este estilo musical como sendo algo violento e tipicamente de periferia.

**Figura 27 – Rapper Tupac Shakur**



Fonte: Google Imagens.

Tupac, rapper norte-americano que influenciou e influencia gerações, desde sua ascensão nos anos 90 até sua morte prematura, oriunda da violência de gangues. Em suas músicas relatava a realidade pobre dos guetos americanos e a realidade da violência contra os pretos e pobres.

**Figura 28 – Rapper Sabotage**



Fonte: Google Imagens.

Sabotage foi um rapper dos anos 90, que ainda hoje é presente na cultura rap brasileira. Nascido e criado na periferia paulista, criou letras e músicas impactantes sobre a realidade da periferia e das favelas. Mais uma vítima da violência, morreu jovem, porém suas obras são ouvidas até hoje e é cultuado como uma das maiores referências da periferia marginalizada brasileira.

**Figura 29 – Racionais Mc's**



Fonte: Google Imagens.

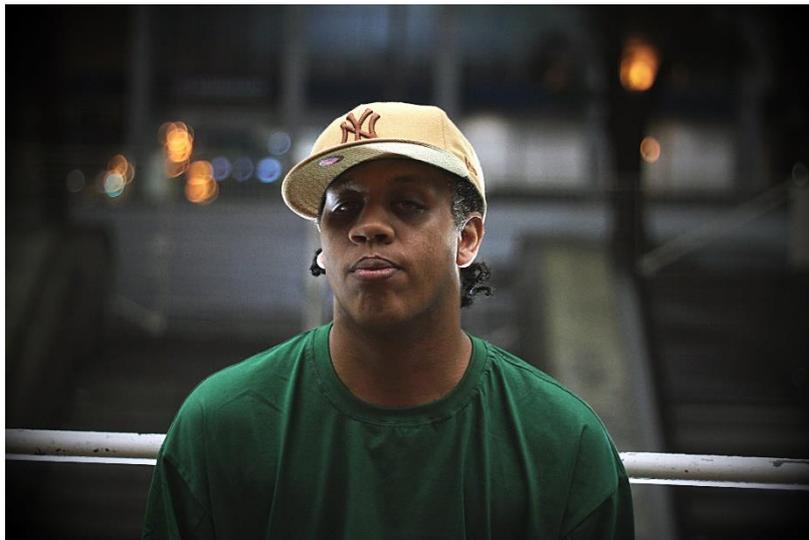
Esse grupo de rap paulista sobrevive até hoje com mais de 25 anos de carreira, mesmo não tocando nas rádios, por serem políticos, agressivos, poéticos e transgressores, suas músicas com relatos de homens presos, da violência e do amor pela periferia estão vivas. A resistência vem da identificação das populações

marginalizadas que são retratadas em suas letras e batidas.

A seguir, um trecho do rap “Poesia de Concreto” cantado por Kamau, Mc e skatista paulista muito respeitado e seguido na cena do *skateboard*, e um breve comentário acerca da letra, traçando um paralelo com a realidade vivida pelo skatista.

[...] Dedicada, a cada, poeta da cidade/ dedicada, a cada atleta da cidade/ dedicada a cada ser humano da cidade que cultiva a liberdade no concreto da cidade/ Entre as paredes de concreto da cidade, se esconde o mundo de quem faz qualquer negócio só pra não ser tachado de vagabundo/ sonhos de adultos se decipam por segundo a cada insulto do patrão/ é o culto do faz de conta que eu sou feliz assim/ salário no fim do mês é o que conta/ paga as contas e faz bem pra mim/ não é o caso em que eu me encaixo/ sonho alto demais pra viver por baixo igual capacho/ e acho que existem outros por aí que olham pras paredes só pensando em demolir pra ser livre/ mas na real nem sabe como perdeu toda noção acostumado a viver com dono [...]  
(KAMAU, 2005)

**Figura 30 – Rapper e Skatista Kamau**



Fonte: Google Imagens.

A primeira estrofe desse trecho da música, traz consigo a mobilização por liberdade nas ruas das cidades. Carregam as marginalidades como grandes estigmas sociais. A liberdade no concreto da cidade passa pela procura da liberdade subjetiva, sob o aprisionamento imaginário que muitos sentem na pele e a prisão objetiva de seus corpos a margem da sociedade. O medo e a opressão são sinônimos para quem procura a liberdade de ser o que se é no universo urbano. Nas paredes de concreto

da cidade onde mora o poder capital, social e opressor, é avistado pelos indivíduos marginais como um inimigo eminente, presente e assustador. Fazer qualquer coisa para não ser tachado de vagabundo é viver sobre pressão constante, em que a mente se perturba e não existe um faz de conta, a realidade é cruel dentro do concreto sob as vidas e suas mazelas. Os sonhos tirados da criança quando se percebe adulto e viu que nada disso é real, que a verdade onde beira a realidade é mais cinza que aquele mundo azul. A opressão na cidade tem cor, é a cor preta, é a cor de quem anda de skate para sobreviver, a cor de quem está acostumado com a escravidão, que de tempos em tempos pseudo-liberdades são oferecidas com trabalhos marginais, desapropriação cultural e a morte de inocentes. Viver a poesia de concreto é viver buscando a cada dia ser reconhecido como indivíduo de direito, com sonhos, saúde e trabalho.

## 2.5 Rock

Um estilo musical muito marcante ligado à cultura do skate é o Skate Punk, sendo um subgênero do punk rock, utilizando geralmente referências a essa cultura, tanto no ritmo quanto nos temas. Sua origem está relacionada à marginalização e os estereótipos negativos associados aos skatistas no começo da década de 1980, nos Estados Unidos. De acordo com Pereira e Azevedo (2018), surgido entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 nos Estados Unidos, o *street* skate, ou o *street*, como é mais comumente chamado, reúne hoje no Brasil 95% dos praticantes de skate. O *street* consiste em explorar a própria cidade e o mobiliário urbano como obstáculos para a prática das mais variadas manobras. A liberdade do *street* remete às suas origens, em especial à sua ligação com a cultura punk. Foi no início dos anos 1970 que o movimento punk ganhou força nos Estados Unidos – se consolidando em seguida na Inglaterra –, propondo a subversão da cultura *mainstream*, com a liberdade de expressão e a contestação dos padrões existentes.

A cultura punk não começou no Brasil, mas acabou sendo incorporada por diversos jovens que encontraram nela uma forma alternativa de se posicionarem frente à vida. O fato, entretanto, foi que o punk se colocou como mais um elemento identitário da cultura do skate, sendo absorvido por diversos praticantes dessa modalidade durante os anos de 1980. (BRANDÃO, 2012)

Ferreira e Azevedo (2018) dizem que o punk e sua atitude contestadora compunham, portanto, a atmosfera onde o skate, em especial o de rua, se desenvolvia. O ritmo acelerado e o tom caótico das batidas envolviam os skatistas, incitando a livre movimentação corporal:

O que se procura apontar, portanto, é que existiu uma semelhança entre a atitude do skatista em deambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento punk em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações sobre os espaços urbanos, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento”. (BRANDÃO, 2012)

**Figura 31 – Banda Charlie Brown Jr.**



Fonte: Google Imagens.

Banda Charlie Brown Jr. popularizou o skate no Brasil nos anos 90 e 2000 e foi fonte de inspiração para tantos jovens e adultos que hoje praticam e admiram essa modalidade e estilo de vida. O cantor Chorão era um incentivador e skatista de rua, em seus shows fazia questão de manobrar no palco e levar o público ao delírio. Muitas músicas dessa banda tinham relação direta com o skate.

Skate meu esporte  
Meu meio de transporte  
Parte da minha história  
E cicatrizes dos meus cortes  
Quem trabalha sério  
Também conta com a sorte  
O mundo é cheio de cobra  
Mas eu sou cabeça forte  
(CHORÃO, 2005)

O cantor Chorão faleceu em 2013 vítima de overdose. RIP.

## 2.6 Funk

Funk carioca, dos bailes, dos “proibidões”, da realidade, da ostentação, da sexualização e do skate. O skate do morro ao asfalto difunde sua origem periférica, levando dos bailes às ruas a essência do funk, suas batidas e energia. O termo “favelado” hoje faz parte do processo identitário de quem é nascido e criado nos morros e nas periferias, antes encontrava-se como termo pejorativo, como um xingamento, e hoje ser favelado traz consigo um histórico de resistência que se eleva o orgulho e se desfaz a vergonha e o preconceito. O funk teve origem nas favelas, para dar voz as comunidades antes não ouvidas, misturando as batidas do *black* e *soul music*. Trazendo assim um incômodo social, com a realidade escancarada da favela, exposta com suas letras provocantes, com gírias, sexualização dos corpos e o dia a dia do favelado

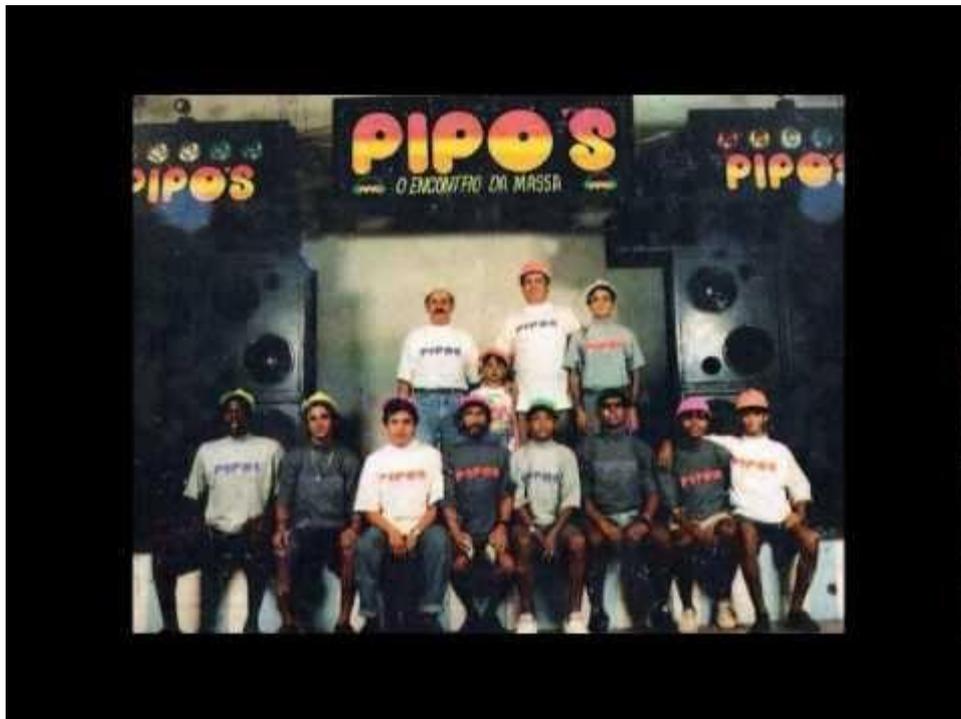
O funk incomoda por diversos motivos, sobretudo quando sua sonoridade invade espaços mais prestigiados do ambiente urbano, como praias da zona sul carioca, *shoppings centers* ou palcos de casas noturnas prestigiadas. Em certa medida, ele pode ser pensado como uma síntese de diversos incômodos sociais que são muitas vezes condensados e processados pela experiência musical, nem sempre de modo amigável. (TROTТА, 2016)

Oliveira (2016) cita que o auge do funk carioca se deu na década de 1990. Com a violência aumentando entre as galeras, foi lançada uma campanha policial e midiática contra alguns clubes, justificando-se pela poluição sonora, instigação à violência e cumplicidade com os chefes de quadrilhas criminosas, houve até a instalação de uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito –, que terminou por reduzir a violência. A estigmatização da imagem dos funkeiros levou ao fechamento de vários bailes pela polícia, os bailes viraram uma prática marginal. Por esse período o funk carioca fez uma tentativa de se contrapor à campanha de criminalização, estimulando os MC’s a cantarem temas sociais e criticar a violência, essa tentativa ficou conhecida como “funk consciente”. Foi uma maneira dos MC’s promoverem uma espécie de “higienização”, retirar o que promoveria a violência a fim de tentar adequar-se ao mercado musical.

A repressão na sociedade, como o exemplo citado acima, traz cada vez mais a marginalidade como conceito principal do sistema sobre o que não consideram o ideal social. Aliado ao skate, essa repressão se torna cada vez mais constante e se torna

um processo de dominação social e étnica. O skate como arte, introduz referências e vivências no esporte em que a cultura de rua, a cultura urbana é o seu maior pilar. O funk como expressão artística, de contestação sobre a marginalidade, exerce nesse contexto uma força para além do estilo musical, batidas e *flow*. O funk em si, exerce um papel social muito maior, juntando os pares, as comunidades e o esporte em um formato de intervenção social importante nos dias de hoje.

**Figura 32 – Equipe PIPO’S**



Equipe PIPO'S de paredão de som nos anos 90, com Mc's e Dj's de funk.  
Fonte: Google Imagens.

### 3 O SKATE E A CIDADE

#### 3.1 De rolé pela cidade

A cidade possui infinitas manobras. Manobras sociais, nas ruas, becos e vielas, manobrar entre os carros, buracos, pedras, motos, ônibus. Manobrar a cidade traz um significado de micro-organismo autossuficiente em um universo de possibilidades. A união forma barreiras, muros de proteção, e coletivos e grupos unem forças para enfrentar a cidade e pertencer a ela. São manobras existenciais, que por onde passam catalogam suas performances. O skatista precisa deixar sua marca nos “picos”, precisam assinar sua personalidade por onde passam. Os componentes da Ademafia são reconhecidos por transgredirem cada canto da cidade, ressignificando com sua presença uma nova perspectiva de pertencimento urbano. O skate nasceu nas ruas, hoje sobe o morro num fluxo inverso, para além da marginalidade concreta do asfalto, remam uma ladeira de sonhos rumo a favela, dialogando entre a cidade e a periferia, com um único objetivo, pertencer a cidade.

A ocupação de espaços públicos e a ativação dos mesmos é um dos papéis sociais do skate. Dar vida e movimento aos locais comuns da cidade e aos esquecidos e abandonados. De acordo com Pereira e Azevedo (2018):

Se o “discurso da cidade” é um discurso de poder, como propõe o autor, o skatista, tal qual o caminhante, faz uma nova leitura deste discurso e, muitas vezes, transgride a sua ordem. Aliás, podemos dizer que o skatista é um tipo de caminhante mais errático, já que desloca significados da vida urbana, transformando, por exemplo, ladeiras em rampas, escadas em obstáculos. Mais do que reconhecer na vida urbana possibilidades outras de traçado e trajetória, o skatista os modifica radicalmente. (PEREIRA; AZEVEDO, 2018. p. 3)

O consagrado livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980) de Yi-Fu Tuan trata das relações ambientais, urbanas e socioambientais dos indivíduos de uma maneira plural, recortando conceitos que passam da Geografia a Psicologia para narrar o conceito do homem e o ambiente, sua relação socioambiental, aspectos psicológicos, sociais, antropológicos, literários, pedagógicos, culturais, estéticos e religiosos. De acordo com Cisoto (2012), “Topofilia” se associa ao sentido geográfico de lugar, escala da ação e experiência e passa a fazer parte dos estudos de percepção ambiental. “Topofilia” como relação amorosa

com a terra, abre uma série de estudos que levavam em consideração a observação da paisagem, manifestações afetivas, elementos da cognição, percepção e mesmo comportamento do homem diante de seu meio. Nesse sentido, este neologismo exprime a filiação do ser humano para com o ambiente que o cerca, da associação da pessoa ao lugar de vida.

Para subsidiar esse novo conceito, Tuan estabeleceu uma exploração ampla de como os laços emotivos com o ambiente material variam muito de pessoa para pessoa e em intensidade, sutileza e modo de expressão. Fatores que influenciam a sua profundidade de resposta ao ambiente incluem fundo cultural, de gênero, raça e circunstância histórica, argumentando também a existência da capacidade sensorial, inata, o elemento biológico e sensorial. Embora inspirado em aclarar sua proposta de entendimento sobre o lugar, algumas vezes traz interpretações curtas, puramente antropológicas ou puramente estéticas para significação dos lugares, a vontade é de mergulhar em uma determinada cultura, de um lugar e absorver a complexidade dos múltiplos condicionantes. Tratando-se de espaço urbano como a cidade do Rio de Janeiro, é importante ressaltar que ao longo da civilização e toda a estratégia do sistema de higienização dos povos e espaços urbanos, esse conceito ligado aos skatistas está longe de ter uma subjetividade favorável para o pertencimento desses indivíduos aos quais utilizam a cidade de maneira ressignificada, formando conceitos próprios da cultura urbana.

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos é, como procuro argumentar, um dos mais preciosos e negligenciados direitos humanos. Desde o início, as cidades emergiram da concentração social e geográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos. Esta situação geral persiste sob o capitalismo, claro, mas como a urbanização depende da mobilização de excedente, emerge uma conexão estreita entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização. (HARVEY, 2009)

Segundo Aquino e Félix (2016), uma das possibilidades que a vertente humanística nos proporcionou foi a de reconhecer o comportamento de uma sociedade através da formação dos espaços sociais focalizando não só a produção

do homem como também suas emoções, suas lutas, as conquistas alcançadas, conflitos e derrotas. Partindo do pressuposto de que o espaço influencia as ações humanas e pode se tornar um forte mecanismo de opressão e exclusão social, é que podemos destacar algumas contribuições a respeito da interligação do espaço geográfico da cidade do Rio de Janeiro com a cidade do Rio de Janeiro de Lima Barreto.

Importante ressaltar o skatista como um indivíduo excluído e marginalizado socialmente, pois, não oferece ao senso comum uma imagem estética daquilo que se encaixa em uma normativa social e capitalista. Mas citar topofilia é citar o skatista, como ator urbano que pertence a cidade de maneira orgânica e natural. Eles vestem a cidade, se apropriam de monumentos abandonados muitas vezes e os ressignificam com obstáculos e manobras diferentes e artísticas, transformando-se em um movimento cultural a ser reconhecido por onde passa.

A perspectiva do direito à cidade está nesta pesquisa relacionada ao que pensa Henri Lefebvre sobre os aspectos referentes ao urbano, pensamos em como o skatista se apropria da cidade, suas questões referentes à exclusão e opressão, assim, surgiu esse tópico relevante para o contexto da dissertação. Sendo analisados os aspectos filosóficos e comportamentais desse movimento da cidade, as características da formação urbana e suas linhas de exclusão. Outros autores importantes nesse contexto, colaboram no desenvolvimento desse capítulo com bastante relevância.

Todo skatista já teve a experiência de encontrar um “guardinha” (sabe se lá do quê ou de onde) que aparece tentando acabar com a sua diversão, sob gritos e berros do tipo: “Não pode andar aqui não! É Proibido!”: ou então: “Vai andar pra lá, aqui não pode andar de skate”. Proibido por quê? Por quem? Ninguém nunca apresentou uma razão para tal proibição.

A Constituição Federal, a Lei Maior do nosso país, prevê em seu art. 5º, II, que ninguém é obrigado a deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de lei. Esse é o primeiro ponto. Se não há qualquer lei que proíba a prática do skate em território nacional, logo é permitida sua prática. Ainda nessa linha, o inciso XV do mesmo artigo da Carta Magna garante a todos a livre locomoção no território nacional, ou seja, a liberdade de ir e vir. Assim, ninguém pode limitar o trânsito dos praticantes de skate nos locais públicos, haja vista a garantia constitucional. (TEIXEIRA, 2015)

Um dos exemplos dessa repressão aconteceu em São Paulo em 1988, quando o então prefeito Jânio Quadros proibiu a modalidade na cidade, veto que se iniciou no Parque do Ibirapuera e depois se expandiu para todo o município. Mas, como visto anteriormente, o *skateboard* representa a resistência, por isso, diversos praticantes do esporte se colocaram contra a lei e fizeram com que a polícia tivesse que suar muito para correr atrás dos carrinhos (CUSTÓDIO, 2016).

Harvey (2009) diz que, o direito à cidade “não pode ser concebido como um simples direito de visita a ou um retorno às cidades tradicionais”. Ao contrário, “ele pode apenas ser formulado como um renovado e transformado direito à vida urbana”. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações. O skate como resistência, se aplica em todo território urbano, visando a “permissividade” da sociedade sobre o seu direito de ir e vir. Existe também um viés importante do skate como enfrentamento político, contra a marginalização dos praticantes, a exclusão de forma explícita em ruas, praças e parques. Em 1988, ano em que a constituição foi posta, a marginalização do skate passou por cima de todos os seus direitos constitucionais.

Em um trecho do documentário *AmarElo – É tudo pra ontem*, lançado em 2020, do rapper e escritor Emicida, em que foi escolhido o Teatro Municipal de São Paulo como palco para a realização dessa celebração com intuito abrir as portas para o público preto, marginalizado e periférico para terem a experiência de entrar em um espaço onde por tantos anos somente classes aristocráticas e burguesas puderam entrar, palco de grandes concertos e do encontro da alta sociedade paulistana. Onde o povo marginalizado não tinha direito, mas esse mesmo povo que construiu esse belo monumento, bem como, levantou o país.

Para que hoje a gente esteja nesse lugar, que foi negado aos nossos ancestrais, muitas pessoas suaram e sangraram no caminho. Se hoje a gente sorri de dentro do Teatro Municipal, é porque algumas pessoas no auge da Ditadura Militar tiveram a coragem de se levantar contra o Estado Brasileiro e seu racismo assassino e dizer que aquele País precisava reconhecer o protagonismo das pessoas de pele escura na sociedade brasileira. Pra mim, é mágico estar aqui. (EMICIDA, 2020)

Ainda acrescenta que

É realmente uma conquista histórica a gente ocupar esse lugar, e por uma coisa mais muito, muito especial. A nossa vitória não vale de nada se ela não anistiar o espírito de todas as pessoas que foram assassinadas ao longo de cinco séculos de escravidão, por isso é mágico chegar num lugar como esse e cantar as coisas que a gente canta. (EMICIDA, 2020)

Com toda essa representatividade do rapper Emicida, a Universidade de Coimbra em Portugal o convidou para ser mestre no Centro de Estudos Sociais por três meses, em que o tema das aulas e atividades será a obra *AmarElo – É Tudo Pra Ontem*. Bauman (2001) diz que “é bom fazer parte de uma comunidade”, é o testemunho oblíquo de não fazer parte, ou não fazer parte por muito tempo, a menos que os músculos e mentes dos indivíduos sejam exercitados e expandidos. O autor em seu livro *Capitalismo Parasitário*, aborda entre diversos temas extremamente relevantes a questão comunitária, como se sentir pertencido em alguma comunidade e local se sua permanência provoca mal-estar e a restringem no local de maneira marginal.

Uma pessoa se sente humilhada quando recebe a mensagem, por palavras ou ações, de que não pode ser quem pensa que é. Essa humilhação gera preconceito e ressentimento. Numa sociedade individualista como a nossa, este é um tipo venenoso e implacável de ressentimento e uma das mais comuns causas de conflito, rebelião e revolta. Ela destrói a autoestima nega o reconhecimento, recusa o respeito e aplica a exclusão, substitui a exploração e assume a discriminação como explicação mais comumente usada para justificar o rancor do indivíduo em relação à sociedade. (BAUMAN, 2010, p.78)

Lefebvre (2001) em *O direito à cidade*, diz que apenas grupos, classes ou frações de classes sociais capazes de iniciativas revolucionárias podem se encarregar das – e levar até sua plena realização – soluções para os problemas urbanos; com essas forças sociais e políticas, a cidade renovada se tornará a obra. Trata-se inicialmente de desfazer as estratégias e as ideologias dominantes na sociedade atual. O fato de haver diversos grupos ou várias estratégias, como divergências (entre o estatal e o privado, por exemplo) não modifica a situação.

O direito à cidade e as transformações pela visão do skate trazem a ideia, de acordo com Lefebvre, de revolucionar a cidade através dos coletivos de ativação urbana, ressignificando espaços na cidade para a prática do skate. Os próprios grupos

de skatistas montam e constroem obstáculos nas praças e ruas da cidade, dando vida a espaços esquecidos. A quebra de paradigma sobre quem é o dono da cidade, como as classes dominantes socialmente se mostram ao longo dos anos, torna o skatista assim, o dono das ruas e praças pela perspectiva da apropriação coletiva dos espaços.

**Figura 33 – Gabriel Bila em um dos becos do Morro Santo Amaro**



Fonte: Arquivo pessoal de Gabriel Bila.

Será o skatista um especialista urbano? Em que entendem os processos por uma ótica de exclusão e marginalidade. Pertencer ao oculto urbano, de maneira a construir e desconstruir a cidade, a ressignificando e adaptando às suas necessidades.

A problemática urbana, por exemplo a que dizia respeito ao destino da cidade grega, para se isolar ou dissimular utilizou temas cósmicos anteriores ou exteriores a essa cidade, visões do devenir cíclico ou da imobilidade oculta do ser. Estas observações têm por finalidade mostrar que a relação considerada não recebeu ainda uma formulação explícita. (LEFEBVRE, 2001, p. 41)

A cidade do Rio de Janeiro é um dos espaços preferidos dos skatistas brasileiros e estrangeiros para treinar e dropar suas manobras. Eles se apropriaram

da Praça XV como o reduto do skate carioca. Um local bastante emblemático historicamente falando, que fez parte de todo processo de civilização e construção do país. O Paço Imperial localizado no coração da Praça XV, os monumentos históricos e artísticos, a Assembleia Legislativa, a Baía de Guanabara, e outros pontos turísticos e históricos fazem parte da beleza e da paisagem urbana desse local. Com essa mistura tão plural, os skatistas se apropriaram e deram vida a um espaço que após o apagar das luzes se torna perigoso, pois a cidade dorme.

Tem-se percebido, principalmente no início desse terceiro milênio, uma preocupação, não apenas governamental, com políticas que auxiliem no desenvolvimento de projetos culturais, principalmente nas chamadas classes populares. Várias manifestações culturais das chamadas comunidades carentes têm sido, inclusive, divulgadas nos grandes meios de comunicação. O termo periferia, antes visto apenas por um ângulo negativo, atualmente vem recebendo novos sentidos, embora, em termos econômico-sociais, não tenha ocorrido, efetivamente, mudanças. A periferia continua sendo o “lócus” dos desfavorecimentos, entretanto, as chamadas “vozes dos guetos” apenas mencionadas pelos próprios atores sociais das elites (portanto do centro), já começam a “levantar a voz” e buscam, por si mesmos, seus caminhos. Assumindo uma identidade periférica, marginal, alguns grupos de comunidades carentes do Brasil, parecem começar a ficar atentos à relação com seus novos parceiros, sejam eles a mídia, as instituições, governamentais ou não. (AQUINO; FÉLIX, 2016)

De acordo com Brandão (2011), um local apropriado é um local apropriado pelo corpo. Notou-se a importância de uma reflexão sobre a corporeidade dos skatistas. Ao constituir-se como um objeto de estudos, o corpo e suas articulações com as práticas e representações sobre os espaços urbanos passou a ser investigado tanto pelo seu viés simbólico quanto por suas ações. É claro que outros caminhos poderiam ser trilhados, estudar o processo de esportivização do skate, seu gradual profissionalismo, aprofundar seus aspectos econômicos e sociais ou mesmo investigar seu lugar na indústria do entretenimento também eram caminhos possíveis de serem seguidos. O percurso da aceitação do skatista na cidade ainda está longe de haver uma equidade. Homens e mulheres que andam em cima das quatro rodinhas, ainda estão sujeitos a violência do sistema, como guardas municipais, policiais e membros da sociedade civil. O que viola o direito de espaço e pertencimento a cidade está para além de raça, credo ou condição social, está beirando a marginalidade humana, a retirada de direitos básicos de pertencimento ao meio ambiente urbano e da sociedade. As normativas ainda impostas, vão de encontro com esse desejo objetivo de transformar a cidade estéril e contaminada por

vieses da opressão.

O fato de o governo negar e condenar a cultura popular e de expulsar do centro da cidade os menos favorecidos, abriu espaço para que o escritor reproduzisse em sua literatura, a escrita em alguns folhetins utilizando o deboche e o cinismo em suas críticas. [...] Ao mesmo tempo em que ele se preocupava com a vinda da tecnologia observava que a população ainda não estava preparada para absorver tais progressos. A visão de João Baptista Ferreira de Mello (1990, p. 102) nos remete ao modo de como o homem vivencia suas experiências e como as percebe, Assim o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas. (AQUINO; FÉLIX, 2016)

Desviar do concreto da cidade é desviar do preconceito construído a séculos em nossa sociedade e em nossa cultura. É manobrar em obstáculos subjetivos através do medo. É desviar do obstáculo da lei e das regras inconstitucionais.

O termo topofilia associa sentimento com lugar. Como já examinamos a natureza do sentimento, vamos agora examinar o papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens para a topofilia, pois esta é mais do que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar (de acordo com a evidência dada no capítulo 8) que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (TUAN, 1980, p. 129)

Tratando-se de espaço urbano como a cidade do Rio de Janeiro, é importante ressaltar que ao longo da civilização e toda a estratégia do sistema de higienização dos povos e espaços urbanos, o conceito ligado aos skatistas está longe de ter uma subjetividade favorável para o pertencimento desses indivíduos aos quais utilizam a cidade de maneira resignificada, formando conceitos próprios da cultura urbana.

Andar de skate em vias públicas era e ainda é algo transgressor para a vida organizada da cidade. Essa frase é um dos indicadores de marginalidade, apesar de hoje o skate ser um esporte Olímpico e ter ganho espaço na mídia, há sobretudo, o espírito transgressor que o skatista carrega e que faz parte de sua identidade. (BRANDÃO, 2011)

### Figura 34 – Manobrar a cidade



Gabriel Bila manobrando na Praça XV.  
Fonte: Arquivo pessoal de Gabriel Bila.

Em paralelo a isso tudo, movimentos como Duó, I Love Xv, Rio Sul, HZC 33, entre outros, se organizaram para que o skateboard transforme a cidade e dão cara a forte cena DIY carioca, com a forma livre de exploração das ruas. Foi assim com a quadrinha de vôlei da Lagoa, onde o skate tomou espaço, já que essa era a sua vocação. (VISTA 50, 2013)

A cena do skate no Rio de Janeiro possui fatores divergentes. Atletas de alto nível, mas sem apoio, picos de skate com nível internacional, mas sem manutenção. O skatista carioca vive essa dicotomia, esse paralelo entre o céu e o inferno para praticar a modalidade. Quando chove, apenas os galpões do Engenho oferecem estrutura para andar, pois é o único local aberto ao público e gratuito que possui teto e abrigo para a chuva, próprio para a prática. O cenário hoje do Rio de Janeiro é a estética ideal para vídeos de skate, com a nova Praça Mauá e a Praça XV, muitos atletas e equipes internacionais vão para o Rio desfrutar da paisagem natural e da arquitetura apropriada para manobrar. Eles vão e vêm, e quem fica no Rio, padece da falta de suporte.

O skatista é um ator urbano que pertence a cidade de maneira orgânica e natural. Eles vestem a cidade, se apropriam de monumentos abandonados e os ressignificam como obstáculos e manobras diferentes e artísticas, transformando-se em um movimento cultural a ser reconhecido por onde passa. O skate desde sua origem traz consigo as marginalidades, proibições, estigmas e a dificuldade do reconhecimento como esporte pela sociedade. O percurso da aceitação do skatista

na cidade ainda está longe de haver uma aceitação desejável. Homens e mulheres que andam em cima das quatro rodinhas, ainda estão sujeitos a violência do sistema, como guardas municipais, policiais e membros da sociedade civil. Ferreira e Azevedo (2018) dizem que o skatista é um tipo de caminhante mais errático, já que desloca significados da vida urbana, transformando, por exemplo, ladeiras em rampas, escadas em obstáculos. Mais do que reconhecer na vida urbana possibilidades outras de traçado e trajetória, o skatista os modifica radicalmente.

O que viola o direito de espaço e pertencimento a cidade está para além de raça, credo ou condição social, está na retirada de direitos básicos de pertencimento ao meio ambiente urbano e da sociedade. As normativas ainda impostas, vão de encontro com esse desejo objetivo de transformar a cidade contaminada pela opressão. As marginalidades são camadas que ferem o sujeito skatista sobre o seu direito de ser e existir. O skatista está para além do obstáculo objetivo como bancos, hidrantes e buracos na rua. A subjetividade marginal traz consigo o sofrimento diário de se expor na cidade para manobrar os obstáculos do preconceito.

**Figura 35 – Imagem clicada por Ronaldo Land, fotógrafo, cineasta e skatista**



Fonte: Google Imagens.

Qualquer canto da cidade que pra uma pessoa normal, a pessoa vê como só o lugar que ela tá passando, dando uma volta, pra gente que anda de skate, a gente que é skatista, qualquer coisinha a gente vê 'ah, ali dá pra fazer uma manobra da hora; ah, ali dá pra tirar uma foto bacana, dá pra mandar tal

manobra, dá pra entrar"... E mesmo que seja ruim o lugar pra andar, assim, a gente sempre inventa alguma coisa, traz coisa de fora pra colocar. Qualquer canto da cidade, até se tiver um lugar que esteja terra, só que se tiver um corrimão, uma coisa legal assim, a gente vê a cidade de uma outra forma, como que a cidade inteira é skatável (Paulo, 21 anos, de Bauru - SP). (PEREIRA; AZEVEDO, 2018)

Essa imagem demonstra a tensão de opostos no campo social e urbano ao manobrar as adversidades e obstáculos do sistema. A marginalidade na cidade influencia suas famílias por estar enraizada à leitura do ideal social, imprimindo as dificuldades do sujeito skatista de transitar e fazer o que gosta, ser aceito pela família, manobrar e usufruir da liberdade. Corpos estigmatizados sofrem por quererem ser o que são e por sua vez combatem através da resistência às opressões urbanas.

### **3.2 O skate e a ressignificação da violência: “Estamos no meio do tiro no Morro dos Prazeres”**

Ressignificar a violência através do esporte vem se tornando uma ferramenta social cada vez mais presente. O skate por trás do estigma marginal, traz uma história constante de luta por espaço identitário, urbano e social. Aliar as drogas ao skate é o que a sociedade faz ao longo dos anos para marginalizar cada vez mais esses corpos em cima das quatro rodinhas. O skate por ser um esporte livre, um estilo de vida transgressor, traz em sua atmosfera uma sobrecarga da violência, sejam em seus corpos, moral e social. A violência de gênero, racial, econômica e social. A Ademafia em sua história prova que quem veio da favela e da periferia pode alcançar seus sonhos e objetivos através do esporte e da cultura. Mas como não ligar a favela e a periferia às mazelas da violência e do tráfico? Sim, na favela em sua grande maioria vivem pessoas honestas, trabalhadoras e de bem, mas é nela onde surgem influências na identidade e na vida social de sujeitos que nela vivem.

Transitar por becos e vielas e vivenciar o encontro com armas, drogas, usuários, polícia violenta, fome, desemprego, falta de saneamento, falta de água e luz são algumas vivências do morador. Mas a favela é muito mais que isso, é nesse lugar de ressignificação que a Ademafia vai de encontro com todos esses recortes negativos e modifica o olhar para a favela como um lugar que produz além de conteúdo, recursos humanos e sociais de desenvolvimento e ativação social. Precisamos falar da potência da favela. As mazelas sociais e a marginalidade, como grandes quilombos urbanos, ressignificam a violência com potências culturais, esportivas e iniciativas sociais.

Um personagem de valor para a demonstração dessa ressignificação da violência através do skate é Anderson Stevie, um personagem que gerou muita comoção. Hoje, com o livro publicado *Entre o skate e o tráfico: a história de Anderson Stevie*, em que retrata toda sua história de superação usando o skate como ferramenta social, conseguindo alcançar seus objetivos de vida. Importante citar que o personagem citado foi criado em uma comunidade em São Gonçalo-RJ, onde se envolveu com o tráfico de drogas, sendo preso duas vezes. Sua inclusão no sistema carcerário o trouxe muitas sequelas emocionais e sociais, mas através do skate e a união de quem quer fazer acontecer, conseguiu impulsionar Stevie a buscar sonhos muitos maiores que antes sonhados. Hoje, Stevie mora na Califórnia, Estados Unidos.

Em um trecho do documentário *Santo Amaro era skatista*, Ademar Lucas em sua saga para conseguir implantar uma pista de skate em alguma comunidade da zona sul do Rio de Janeiro – já que no Morro Santo Amaro não foi possível –, vai em direção ao Morro dos Prazeres em Santa Teresa, bairro carioca próximo ao Catete. Essa comunidade atravessa uma série de conflitos entre traficantes rivais de outras comunidades e a polícia, mas com uma forte ligação com essa comunidade, Lucas se debruça em mais esse desafio, levar o skate e movimentos culturais para uma favela que sofre com a violência. Na gravação, ele inicia sua caminhada ao lado de seu amigo morador dessa comunidade para encontrar o presidente da Associação de Moradores e, ao iniciar a conversa sobre seu sonho, algo inusitado acontece no exato momento em que Lucas inicia sua fala, um tiroteio, que causa medo, mas nota-se em seu semblante e nos demais, uma certa naturalização desse fato. Eles estavam na linha de tiro, moradores correm para se proteger e a polícia corre para o confronto.

Ademar comenta após o tiroteio no morro:

Eu cresci no meio do tiroteio, acostumado com isso, ria quando escutava tiro e todo mundo é isso, sendo que não é uma parada normal mano, não é uma coisa que a gente tem que aceitar. Aí fez mais sentido ainda o porquê da gente fazer uma rampa dentro do morro, ficou mais claro dentro da minha cabeça (SANTO..., 2017)

### Figura 36 – Trechos do documentário *Santo Amaro era skatista*

#### Cena 1



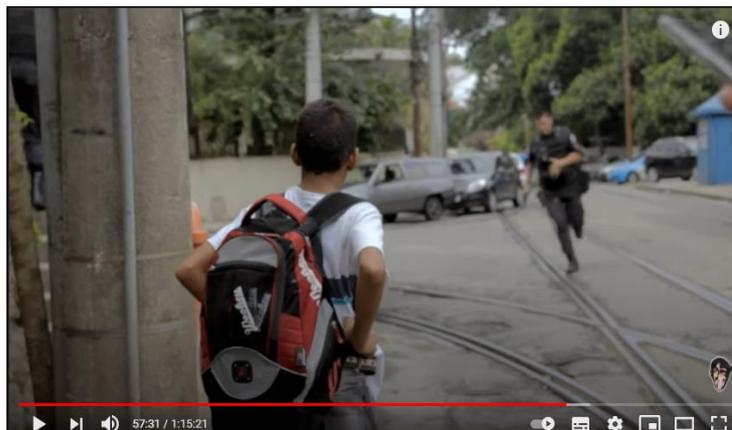
Fonte: Documentário *Santo Amaro era skatista*.

## Cena 2



Fonte: Documentário *Santo Amaro era skatista*.

## Cena 3



Fonte: Documentário *Santo Amaro era skatista*.

A primeira imagem da sequência mostra o momento em que Ademar Lucas e seu amigo tentam se esconder dos tiros. Em seguida, vemos a movimentação policial no tiroteio a poucos metros de Lucas. A última imagem mostra uma criança de uniforme escolar da Prefeitura do Rio de Janeiro paralisada vendo a movimentação policial.

Abaixo, na figura 37, está o skatista Anderson Stevie, criado em uma favela de São Gonçalo, que teve sua biografia escrita por Victor Costa, o livro foi lançado em 2019, com o título *Entre o skate e o tráfico*, que mostra sua história de superação

através do skate como principal ferramenta de intervenção social. Esta imagem traz o skate como arma social, para o enfrentamento do preconceito e liberdade, o paralelo vivido por Stevie e seus companheiros da Ademafia entre a paz, liberdade e a favela. Do morro ao asfalto se faz essa analogia sobre as marginalidades vividas pelos skatistas favelados em ocupar espaços na cidade, vivendo entre a violência e a paz na cidade e em suas comunidades.

A figura 38 traz um emblemático *shape* de skate em forma de fuzil, no qual um artista quis passar essa temática do skate como a principal arma de resistência. Está nas mãos do skatista componente do coletivo conhecido como Miúdo, residente de umas das favelas mais perigosas da zona oeste do Rio de Janeiro, em um dos Bailes do Ademar. A figura 39 traz Gabriel Bila, no Morro Santo Amaro no Catete, um dos protagonistas do coletivo, fazendo alusão do skate como arma de sobrevivência. Uma imagem que propõe a reflexão acerca da sociedade, onde estigmatiza a população das favelas como pessoas ligadas ao tráfico e a desordem social.

Na boca, Anderson se tornou um funcionário exemplar. [...] Em pouco tempo conseguiu levantar a grana que queria e foi até a Galeria River, tradicional e principal ponto de lojas de skate e surfe no Rio, para comprar um equipamento de primeira linha. Com o skate novo em mãos, Anderson precisava de uma roupa para se apresentar no campeonato. [...] Apareceu um viciado em crack com uma camisa regata vermelha, do Michael Jordan. Anderson ofereceu uma pedra de R\$ 10 na prensa e foi logo atendido. E assim, foi para Teresópolis. (COSTA, 2019, p. 46)

Ademar Lucas, no documentário *Santo Amaro era skatista*, traz essa ressignificação da violência utilizando o skate como ferramenta, quando seu incentivador propõe que caso ele tire notas baixas, desobedeça a sua família e use drogas, ele estaria fora da equipe. Nesse momento, Lucas entende o que ele tinha a perder, o seu futuro estava em jogo. Quando jovens das favelas e periferias não possuem incentivos, referências ou qualquer ajuda, não tem nada a se perder. Validando sistematicamente os recursos de sobrevivência ali existentes, como o crime.

**Figura 37 – Skatista Anderson Stevie em sua comunidade em São Gonçalo**



Fonte: Google Imagens.

**Figura 38 – Skatista exibindo um skate com formato de fuzil no Baile do Ademar**



Fonte: Google Imagens.

**Figura 39 – Skatista Gabriel Bila em comunidade do Rio de Janeiro**



Fonte: Instagram oficial da Ademafia<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Instagram: @ademafia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ademafia/>>.

### 3.3 A rua e a rede

Tudo começou através de um vídeo despretensioso no *Youtube*, e a rede se tornou a principal ferramenta do coletivo e principalmente de Ademar Lucas para seguir em cima do skate após sua lesão. A rua e a rede para o skate são um circuito infinito de possibilidades tanto de publicidade de marcas envolvidas nos projetos de skate como demonstração de um rolé, uma *trick* perfeita e a tão sonhada vídeo parte. Os skatistas em sua maioria aprendem a filmar os amigos, seja com uma simples câmera do celular ou câmeras de alta qualidade. Investimentos que poucos atletas podem fazer em vista que, poucos possuem patrocínio para investimento em material audiovisual. Um exemplo do poder da imagem, a rua e da rede é da medalhista olímpica Rayssa Leal, medalha de prata na Olimpíada de Tóquio 2020/2021, que ao publicar nas redes sociais aos seis anos de idade vestida de Sininho, personagem da Disney, assim sendo chamada de fadinha do skate, ganhou o mundo. Artistas, esportistas e principalmente a lenda do skate Tony Hawk, que fez e faz parte da infância de muitas crianças com seus jogos de videogame de skate, repostaram o vídeo. Através dessa iniciativa, Rayssa começou a participar de campeonatos no auge de seus sete anos de idade e hoje aos 13 anos, a fadinha do skate subiu ao pódio do maior evento esportivo do mundo.

Em Tóquio, Rayssa reencontrou o "tio" Tony Hawk. E, desde a última semana, o americano está "tietando" Rayssa e gravando vídeos dos treinos da garota em Tóquio. "Há 6 anos ele [Tony] me apresentava pro mundo do skate compartilhando meu vídeo vestida de fadinha, hoje me filmou nas Olimpíadas. Isso tudo é muito incrível, estou vivendo um sonho", publicou Rayssa nas redes sociais após encontrar o ídolo. (VIEIRA, 2021)

O poder da imagem, Rayssa e tantos outros skatistas realizaram seus sonhos através da rua e da rede. A cidade como centro de treinamento e a rede como meio de sobrevivência, transparência e registro estão lado a lado com o skate desde seu surgimento na década de 60, sem muito recurso audiovisual e hoje através do aprimoramento da tecnologia, da arte de filmar e fotografar, esse esporte alça voos globais. Hoje, mais do que nunca, o skate brasileiro está no topo.

**Figura 40 – Rayssa Leal, fadinha do skate e hoje medalhista Olímpica**



Fonte: Google imagens.

A Ademafia investiu em uma câmera no início do canal, em que através de seu amigo e incentivador Duca, em uma viagem ao Estados Unidos, trouxe para o sonho começar a se tornar realidade. Lucas no documentário *Santo Amaro era skatista* (2017) cita: “Uma marca me pediu para fazer um vídeo, sendo que aqui no Rio é muito difícil, os caras que tem câmera e trabalham com isso, trabalham com outras coisas. Então eles não tinham como dar prioridade pra esse meu projeto. E é isso, a gente que anda de skate trabalha muito mais com a imagem”. Lucas buscou através das dificuldades, ultrapassar mais essa barreira e acrescenta: “Comprei meu computador, fui aprendendo a filmar, a editar, aí eu tive essa ideia de reunir todo mundo que tinha essa dificuldade e tinha vontade de fazer, meu sobrinho que tava dando maior rolê e precisava aparecer”. Cochi, amigo, skatista e editor exalta:

Mano, vamos fazer, tem umas imagens aqui pra tu editar. Vamos editar, vamos fazer a parada. Vai ser o primeiro vídeo da Ademafia ADEMAFIA TOUR SP, ele (Ademar) veio pra cá, eu lembro que a gente editou o dia inteiro. Eu lembro que a gente terminou o vídeo e falou “Mano ficou foda” e a gente lançou o vídeo e foi compartilhado por todas as revistas, tá ligado? (SANTO..., 2017)

As redes sociais são aliadas do *skateboard*. Os vídeos e fotografias para o skate são uma marca registrada nessa cultura há muitos anos. Muitos skatistas trabalham somente para marcas através do audiovisual e outros já participam de

campeonatos. No caso da Ademafia os componentes trabalham o audiovisual de maneira orgânica, tudo é filmado e registrado, tudo vira vídeo. Desde experiências diárias, como famílias, novidades, como também o skate e a cultura de rua, que são as características mais marcantes do coletivo. Mostrando suas vivências, registrando de maneira natural sem roteiros o que é descer o morro para andar de skate e experienciar a rua. São vários quadros no canal da Ademafia que são criados espontaneamente para mostrar ao público com bastante naturalidade, sem cenário, sem clichê.

De acordo com Rocha e Gonçalves (2018), em frente ao projeto, o diretor deve considerar seu conhecimento criativo e trabalhar suas referências, mas principalmente conhecer o produto, o mercado e o público-alvo da empresa, criando de forma que o vídeo comercial seja verdadeiro e coerente, atinja o público gerando curiosidade e desejo, onde, por fim, resulte principalmente, no objetivo da empresa, vender seus produtos ou serviços. Mas se tratando de *skateboard*, o audiovisual é criado por skatistas, pensado para skatistas, seja de maneira comercial ou demonstração de manobras. Um vídeo parte de um skatista para demonstração de sua coletânea de manobras e viagens ou para marketing de alguma marca ligada a modalidade. Os skatistas aprenderam a filmar, filmar seus amigos e grupos de skate, a marcar presença nas redes sociais de maneira a demonstrar não só seu desempenho, mas suas vivências e linguagens das ruas por onde passam. Essa é a essência do *skateboard*, a rua.

Citar o audiovisual é citar a fotografia no skate. Desde seu surgimento na década de 60, a fotografia é um marco para disseminação da modalidade pelo mundo, em que resgata a essência clara do esporte, traçando um paralelo entre a visão do fotógrafo e a artes das manobras, mostrando a subjetividade do fotógrafo e influenciando na subjetividade do espectador e admiradores da fotografia, com a arte corporal e seus significados nela alcançados. A fotografia para o skate é incorporada para além do registro, é vista como essencial para a promoção dos atletas e revistas conceituadas no ramo. Com o surgimento das redes sociais, ficou ainda mais clara a importância da fotografia no skate como arte e promoção da cultura *skateboard*.

Quem filma e fotografa skate é skatista, pois os cliques e gravações são feitos em cima de um skate. Pensar o movimento, a luz, a dinâmica de uma imagem de skate é estabelecer o contato com o movimento das manobras e vivenciá-las desde a combinação da melhor manobra para aquele local e luz, como sentir a vibração e

adrenalina daquele momento. O fotógrafo e o *videomaker* de skate são diretores artísticos com a essência e experiência de um skatista. Para uma imagem ser ideal, além do skatista produzir uma manobra perfeita, o fotógrafo e o *videomaker* tentam lado a lado com os atletas, consecutivas tentativas de uma *trick* ideal dentro dos padrões e conceitos para serem apresentadas. Fotografar e filmar é uma arte em conjunto com os atletas, pois todo o conceito depende de como física e mentalmente o atleta se apresenta, e os profissionais do audiovisual em cima de um skate estão presentes em cada tentativa. De acordo com Ronaldo Land, o fato de estar fotografando não influencia em nada, o *lifestyle* é o mesmo. Não tem muita diferença, é a vida de um skatista normal. Um exemplo de semente que floresceu na Ademafia, é o jovem Gean Guilherme, que anda de skate, nascido e criado no Morro Santo Amaro, que através das suas maiores influências, Ronald Land e Cochi, descobriu seu talento pelo audiovisual. Hoje cursa Produção e Design na PUC-Rio, ao qual foi contemplado com uma bolsa de estudos integral, devido ao seu talento, empenho e seus projetos criativos. Junto com seu grupo na escola venceu o Prêmio Cineasta 360º, no qual o curta realizado no morro – filmando um evento da Ademafia – foi levado para um festival em Nova Iorque.

O jovem diz que, como skatista, poucos o enxergavam com respeito, mas, gravar o vídeo, em 360º, “Lollapallango – Santo Amaro”, onde buscou mostrar o trabalho social realizado no morro, passou a ser visto como referência. “Poucos pensam a comunicação como forma de viver ou que a programação tem valor. A gente já realizava, com os skatistas do Coletivo Ademafia, um evento social. Então colocamos ele no vídeo, ouvimos as pessoas da comunidade. Isso permitiu uma troca gigantesca, deu voz a quem precisava. Posso dizer que transformou mesmo. [...] Eu fui chamado para contar a história do filme, a minha história, em outros locais. Você o poder que a tecnologia, as artes e a comunicação têm de unir as pessoas e dar visibilidade a elas. (POMBO, 2019)

Ronaldo Land é um estudioso da fotografia e do cinema, além de skatista, foi um grande professor para os integrantes do coletivo com sua maturidade e vivência dentro das artes e da fotografia. A vivência e aprendizagem dos integrantes da Ademafia foi exclusivamente por troca, conversas, diálogos sobre o skate e como este pode ser ferramenta para atingir outros estágios produtivos como as artes.

A minha identidade tem muita relação com contraste alto, se você pegar até

na história da pintura, muito antes, já tinham pessoas que faziam isso. Pegar o estilo de pintura, o barroco, você vai ter o Caravajo que tem as pinturas, Rembrandt, tem muita coisa que já vem e vai influenciar mais tarde no cinema, né? O expressionismo Alemão, no cinema Noir e acho que tem muito a ver, meu trabalho tem muito a ver com isso. (DA O PAPO..., 2015)

Segundo Ronaldo Land (2015), foto maneira todo mundo faz, mas o mais importante é ter uma linguagem, uma identidade no trabalho, isso que eu acho que os fotógrafos têm que se preocupar mais, não é só fazer uma foto bonita. Lembrando que não somente quem é skatista é o *videomaker*, mas é um *roller* e está inserido diretamente nesse contexto. *Rollers* são os patinadores, que em cima das quatro rodinhas conseguem captar imagens incríveis, com velocidade, equilíbrio e precisão. Possuem uma dinâmica muito parecida com o skate em velocidade. Um fotógrafo profissional, que vende seu trabalho para grandes revistas e mídias de skate e outros seguimentos. Ronaldo Land já fotografou os skatistas não só em manobras plásticas, mas em retratos do cotidiano do atleta nas ruas e espaços públicos. Ilustrando a dificuldade que é viver em espaços cujo a normativa não recebe o skatista de maneira orgânica a cidade, e sim como um desbravador da marginalização e depredador urbano. Fotos com policiais e guardas municipais proibindo a liberdade de uso da cidade e dos espaços urbanos também são formas de retratar a dura realidade dos skatistas em ocupar as ruas e praças da cidade. Manuela Penafria, mestre e doutora em Ciências da Comunicação, atua na área do audiovisual com maestria, participante de inúmeros eventos e festivais de cinema, descreve em seu artigo o ponto de vista do filme documentado que:

A sucessão das imagens e sons tem como linha orientadora o ponto de vista adaptado e encontra na criatividade do documentarista o seu principal motor. É ao selecionar e combinar as imagens e sons registrados in loco que o documentarista se expressa. Ao proceder assim, apresenta-nos um ponto de vista sobre determinado assunto. Para além disso, cria uma interpretação que se manifesta pela maior ou menor criatividade que imprime à sucessão dos elementos que o filme integra. (PENAFRIA, 2001)

A partir das considerações de Silva *et al* (2014), a videografia é uma ferramenta muito importante para captura da dinâmica na análise da interação humana. Colaborando com a visão de documentário sem estrutura fixa e com fluidez, Eduardo Coutinho acrescenta:

Eu não faço roteiros escritos, inclusive, porque acho que se eu fizer um roteiro escrito não preciso mais filmar, já está feito o filme. Tento fazer filmes em que tenho perguntas a colocar e vou tentar saber quais são as respostas fazendo o filme. Geralmente o filme, quando dá certo, não termina com uma resposta-síntese. Então, eu não faço cinema para militantes, graças a Deus, e meus filmes terminam, suponho eu, com perguntas e reflexões e não com uma resposta. (COUTINHO, 1997)

Dentro do espírito empreendedor do coletivo, as ações sociais e arrecadações para viabilização dos projetos são marcas importantes, porém, a geração de renda com o *site* da Ademafia, com venda de produtos exclusivos do coletivo, é um marco no sistema empreendedor da favela. Produtos como: camisetas, canecas, bonés, bolsas, entre outros utensílios e itens de moda. Empreender na favela usando as redes sociais é um dos links que a rua e a rede podem proporcionar para os indivíduos dos morros e periferias, movimentar a economia e gerar renda para dentro da comunidade é uma das muitas iniciativas do coletivo que nasceu no morro, mas cresceu nas redes.

**Figura 41 – Ademar Lucas com os produtos da “firma”**



Fonte: Instagram @ademafia<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> Instagram: @ademafia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ademafia/>>.

As redes sociais, a fotografia, as filmagens, edições e tudo que o audiovisual oferece está nos projetos do coletivo. Implementando a arte da comunicação visual para atingir pessoas, mudar vidas e produzir conteúdo que seja relevante não só apenas para o skate, mas para diversas comunidades invisibilizadas, que através da rede, a rua está conectada. A favela venceu!

Coutinho (1997) disse que, para encerrar, pois acho que “falei demais”, lembro como isso pode ter um valor ético e político. Na verdade, quando se fala em ética em documentário ou em História Oral, é sempre um problema político também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou a compreensão dos movimentos marginais, o direito à cidade e as nuances que atravessam o skate e o coletivo Ademafia. Compreendendo sua evolução, suas lutas e a vontade de vencer e conquistar cada vez mais os espaços de cultura urbana, esporte e ações sociais. Visto que, se torna inconclusiva a dissertação, buscando apresentar o protagonismo de quem vem da favela e vivencia todas as barreiras em busca do crescimento pessoal e coletivo. Ademar Lucas segue com o seu objetivo. A pandemia trouxe além de dificuldades de trabalho, um dos maiores desafios do coletivo, a questão sanitária, de conscientização e promoção de saúde e bem-estar para a comunidade do Santo Amaro. O coletivo promoveu vaquinhas online, busca por patrocínios e instituições que possam ajudar o morro com cestas básicas, água, materiais de higiene, investimento em palestras de empreendedorismo, cursos, trabalhos remunerados, cultura e saúde.

Para além de uma força coletiva, a indignação de um poder público ineficiente e negligente com essa e todas as demais populações periféricas, se faz presente o trabalho que deixa um legado para as próximas gerações, tanto no esporte, como cultura e senso humano e coletivo. Esta dissertação é a apresentação de quem faz sem esperar o governo agir, através do aprendizado da rua, promove transformações sociais e novas perspectivas em uma sociedade marginalizada e esquecida. Dar voz a quem tem voz, mas não era escutado, gerar protagonismo aos talentos nunca antes vistos. Hoje, essa população começa a acreditar que pode sonhar. Ademar Lucas e o coletivo Ademafia seguem em busca dos projetos de melhoria na qualidade de vida da comunidade, fomentando parcerias com outros projetos e instituições, visando sempre o crescimento pessoal e coletivo. Ademar é um protagonista que consegue evidenciar através de suas iniciativas todos os membros da comunidade, seus familiares e membros da Ademafia como atores de mudanças, disseminando essas ações para semear um legado próspero para novas gerações.

## REFERÊNCIAS

AMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. Relato de Experiência: o skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./set. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a28v16n3.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2020.

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2001.

\_\_\_\_\_. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.

\_\_\_\_\_. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, A.M.; GODOI, E.P. (Orgs.). **Além dos Territórios**: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 41-63.

AQUINO, Laurides Lescano Antunes de; FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. O espaço e o tempo na geografia das relações humanas na literatura de Lima Barreto. In: **Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas** [Blucher Social Science Proceedings, n.4 v.2]. São Paulo: Blucher, 2016. p. 924-934.

ARAÚJO, Allyson Carvalho. Pensar o esporte: estética e regime de visibilidade (pós) moderno. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 551-820, jul./set. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/download/13687/12067>>. Acesso em: 12 maio 2020.

BARROS, Pedro. "A gente vem lutando a nossa vida inteira", Pedro Barros comemora conquista da prata no skate park – Olimpíadas de Tóquio. Entrevista concedida a Tv Globo. Tóquio, 2021. Transcrição pela autora. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9742606/?s=0s>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BASTOS, Billy Graeff; STIGGER, Marco Paulo. O Segredo do Sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 163-186, jul./set. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista:** juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011. Disponível em: <<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/a-cidade-e-a-tribo-skatista-juventude-cotidiano-e-praticas-corporais-na-historia-cultural.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Da cidade transfigurada à cidade transformada: culturas juvenis e a prática do skate (1970-19780). **Revista e Cultura**, Franca-SP, v. 1, n. 2, p. 7-20, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v1i2.734>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Corpos deslizantes, corpos desviantes:** a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989). 2006. 143p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2006. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFGD-2\\_c482de6227d58ca7e50302937c9a6ed7](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFGD-2_c482de6227d58ca7e50302937c9a6ed7)>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BOLLMAN, Marcos. Do Punk, a Arte ao Skate. Campeonato de skates, 2014. Disponível em: <<https://campeonatosdeskate.com.br/2014/11/06/punk-arte-ao-skate.html>>. Acesso em: 25 set. 2020.

BROWN, Mano; ROCK, Edi. Negro drama. In: RACIONAIS MC'S. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

CHORÃO. Skate vibration. In: BROWN JR., Charlie. **Imunidade Musical**. São Paulo: EMI, 2005.

COELHO, Pedro Casasco Ribeiro. **O skate na cultura corporal de movimento:** aspectos evolutivos e sociais. 2015. 35f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136527>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

COMO surgiu a Ademafia? [S. l.; s. n.], 2017. 1 vídeo (11 min.). Publicado pelo canal The Skate. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yX3oOyyIlgkE>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CONRADO, Hysa. Projetos sociais veem no skate uma ferramenta de transformação. **R7.com**, 2021. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/olimpiadas/projetos-sociais-veem-no-skate-uma-ferramenta-de-transformacao-27072021>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

COSTA, Victor. **Entre o skate e o tráfico**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2019.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 165-191, abr. 1997.

CUSTÓDIO, Guilherme. Skate: de marginalizado a olímpico. **Escotilha**, 2016. Disponível: <<http://www.aescotilha.com.br/colunas/a-margem/skate-de-marginalizado-a-olimpico/>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

DA O PAPO! #4 com Ronaldo Land – Jesus era skatista, Lord Farquaad e mais. [S. l.; s. n.], 2015. 1 vídeo (41 min.). Publicado no canal Ademafia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PYGu2BlcXoU>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

DIAS, Giuslaine de Oliveira. **Skateboard para além do esporte**: manifestação social e movimento cultural. 2011. 190 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011\\_GiuslainedeOliveiraDias.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011_GiuslainedeOliveiraDias.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2020.

DINIZ, Nelson; SILVA, Luciano Hermes da. O skate e a produção social do espaço público. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Espírito Santo. **Anais Eletrônicos [...]**. Vitória: AGB, 2014. Disponível em: <[http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403971542\\_ARQUIVO\\_ArtigoCBGFinalizado.pdf](http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403971542_ARQUIVO_ArtigoCBGFinalizado.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ECKERT, Cornelia. Cidade e política: nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando (coords.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil**: antropologia. São Paulo: Anpocs, 2014.

EHRlich, Marcio. Converse leva Kajaman a pintar mural no Morro Santo Amaro. **Janela Publicitária**, 2020. Disponível em: <<https://www.janela.com.br/2021/03/03/converse-leva-kajaman-a-pintar-mural-no-morro-santo-amaro/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

EMICIDA: AmarElo – É tudo pra ontem. Direção de Fred Ouro Preto. São Paulo: Netflix, 2020. Netflix (86 min).

ESCÓSSIA, Liliana da. KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a17.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/254/369>> Acesso em: 21 ago. 2020.

FREHSE, Fraya; LEITE, Rogério Proença. Espaço urbano no Brasil. In: MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza (coord. de área); MARTINS, Carlos Benedito (coord. geral). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. **Políticas Culturais em Revista**, Bahia, v. 2, n. 2, p. 34-49, 2009. Disponível em: <[www.politicasculturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br)>. Acesso em: 22 set. 2020.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In: HARVEY, David; ALFREDO, Anselmo; SCHOR, Tatiana; BOECHAT, Cássio A. A liberdade da cidade. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 13, n. 2, p. 09-18, 2009. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2009.74124. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74124>. Acesso em: 21 jul. 2021.

HORONATO, Geraldo. **Grafite da Marginalidade às galerias de Arte**. Paraná. Faculdade de Artes do Paraná. Programa de Desenvolvimento Educacional, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

KAMAU. Poesia de Concreto. In: KAMAU. **Sinopse**. Rio de Janeiro: Plano Audio, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2001.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 21, p. 1-360. 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/269626884\\_De\\_skate\\_pela\\_cidade\\_quando\\_o\\_importante\\_e\\_nao\\_competir](https://www.researchgate.net/publication/269626884_De_skate_pela_cidade_quando_o_importante_e_nao_competir)>. Acesso em: 14 set. 2020.

MANUEL, Francisco Mouga. **Os Espaços Invisíveis: skateboarding, controlo social, e resistência na meca do skate**. 2018. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto,

2018. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116693/2/298604.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais eletrônicos [...]**. Lisboa: SOPCOM, 2009.

\_\_\_\_\_. **O ponto de vista no filme documentário**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001.

PEREIRA, Cláudia (coord.). **Skate 360: rolés teóricos pelas ruas da cidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2020.

\_\_\_\_\_; AZEVEDO, Marcella. Trilhas do skate: uma cidade no flow. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Intercom, 2018.

POMBO, Cristiano Cipriano. Projeto de vídeos 360º muda a vida de jovens e leva curta brasileiro até Nova York. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2019/03/projeto-de-videos-360o-muda-a-vida-de-jovens-e-leva-curta-brasileiro-ate-nova-york.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PRIMEIRA pista de skate do Brasil. **RankBrasil**, 2013. Disponível em: <[https://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/06tA/Primeira\\_Pista\\_De\\_Skate\\_Do\\_Brasil](https://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/06tA/Primeira_Pista_De_Skate_Do_Brasil)>. Acesso em: 20 jul. 2021.

RAMME, Noéli. A teoria institucional e a definição da Arte. **Revista Poiésis**, n. 17, p. 91-103, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis17/Poesis\\_17\\_ART\\_Teoriainstitucional.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis17/Poesis_17_ART_Teoriainstitucional.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2020.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. RAP. **Sua Pesquisa**, 2020. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/rap/>> Acesso em: 22 set. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 22, p. 23-32, dez. 2003.. Disponível em: <[https://www.academia.edu/29895089/Da\\_Cultura\\_das\\_M%C3%ADdias\\_%C3%A0\\_Cibercultura\\_O\\_advento\\_do\\_p%C3%B3s\\_humano](https://www.academia.edu/29895089/Da_Cultura_das_M%C3%ADdias_%C3%A0_Cibercultura_O_advento_do_p%C3%B3s_humano)>. Acesso em: 02 set. 2020.

SANTO Amaro era skatista. Direção: Felipe Martins. Produção: Angela Zoe. Rio de Janeiro: Globo Filmes/Globo News/Documenta Filmes, 2017. (72 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=pKIZzhtBwfc>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SILVA, Daniel Ramos. **Midiatização da Praça Roosevelt**: espaço urbano, conflito e novas tecnologias da comunicação. 2015. 172 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19037/1/2015\\_DanielRamosdaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19037/1/2015_DanielRamosdaSilva.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2020.

SILVA, Marcos. Elogio da beleza atlética, de Hans Ulrich Gumbrecht. **Princípios**, Natal, v. 17, n. 28, p. 309-319, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/SILEDB>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVA, Nadja Maria Vieira da *et al.* Do vídeo para o texto escrito: implicações para a análise da interação. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 513-528. dez. 2014. Disponível: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682014000300007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000300007)>. Acesso em: 16 out. 2020.

SKATE no mundo. **CBSK - Confederação Brasileira de Skate**, [s.d]. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/cms/dados/skate-no-mundo/8>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

TEIXEIRA, João Pedro Ferraz. Skate, preconceito e ocupação do espaço público pela população: uma abordagem jurídica sobre o skateboard, o preconceito com o esporte e as políticas de ocupação do espaço público. **Jus**, 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/43046/skate-preconceito-e-ocupacao-do-espaco-publico-pela-populacao>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

TEIXEIRA, Juliana Colting; SILVA, Méri Rosane Santos da. Skatistas “correndo pelo certo”: normalização e produção de subjetividades na contemporaneidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 559-573, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/68891/42070>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

TMTALK – Skate e Moda. **TM Trocando Manobra**, 2020. Disponível em: <<https://trocandomanobras.com.br/2020/03/17/tmtalk-skate-e-moda/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

TROTTA, Felipe da Costa. O funk no brasil contemporâneo: uma música que incomoda. **Latin American Research Review**, v. 51, n. 4, p. 86–101, 2016. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/44985919](http://www.jstor.org/stable/44985919)>. Acesso em: 17 jun. 2021.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VARGAS, Cláudio Pellini; COELHO, Humberto Schubert. O elogio da beleza atlética em Hans Gumbrecht. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 2, p. 499-501, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/46088/pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

VISTA 50. São Paulo: Vista, 2013. Versão *online*. Disponível em: <<https://issuu.com/vistaskateboardart/docs/vista-50>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VOCÊ sabe o que é direito à cidade? São Paulo: Rede TVT, 2019. 1 vídeo (16min.43seg). Publicado pelo canal Rede TVT. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GUSmz04WVp4>>. Acesso em: 12 fev. 2021.